



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DE FELGUEIRAS

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico**

**O ENVOLVIMENTO PARENTAL NO
JARDIM-DE-INFÂNCIA**

Cátia Daniela Silva Pinheiro

Prof.ª Doutora Rita Alexandra Bettencourt Leal

FELGUEIRAS

2015



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DE FELGUEIRAS

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico**

O ENVOLVIMENTO PARENTAL NO JARDIM-DE-INFÂNCIA

Relatório Final apresentado ao Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Rita Leal, Professora Adjunta do Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras

Aos meus pais.

agradecimentos

O meu, mais sincero, obrigada...

...a vós, **Pai e Mãe**, que iluminam os caminhos mais obscuros com afeto e dedicação para que os enfrente sem medo, lembrando-me que a vida é feita de lutas e desafios.

...aos meus irmãos, **Jorge e Silvério**, pelo apoio, muitas vezes silencioso e mesmo assim tão forte.

...a ti, **Rui Pedro**, pela paciência e apoio incondicional.

...aos meus **padrinhos**, que sempre acreditaram.

...à **Professora Doutora Rita Leal**, uma “borboleta” que me ensinou a “voar”.

...à **Professora Paula Rocha**, por me fazer sonhar.

...à **Irmã Glória Prior**, pelo apoio imprescindível e incondicional.

...às **Joaninhas** e aos seus **Pais**.

...à **Esteves**, à **Zeca** e à **Dani**, por caminhararmos de mãos dadas.

...a vós, **Cátia, Sophie, Lili, Arlindo, Manel, Luís, Di, Diana**, trago-vos sempre comigo.

...à minha **Família** (de que tanto me orgulho) e aos meus **Amigos**.

...aos que **acreditaram** e aos que **não acreditaram**, pela força sublime de me fazerem acreditar e lutar!

palavras-chave

Educação Pré-Escolar, Família, Envolvimento Parental.

resumo

A presente investigação procura compreender de que forma é que os pais/encarregados de educação podem envolver-se na vida da instituição educativa dos seus filhos/educandos como forma de beneficiar o seu processo educativo. Assim, e recorrendo a uma *investigação sobre a própria prática* (Ponte, 2004) sustentada num paradigma qualitativo, pretende-se (i) compreender as conceções dos pais/encarregados de educação face ao desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos no Jardim-de-Infância; (ii) compreender as perspetivas dos educadores de infância face ao envolvimento/participação dos pais/encarregados de educação no processo educativo das crianças; (iii) avaliar o impacte das propostas educativas implementadas no envolvimento/participação dos pais/encarregados de educação na ação educativa; e (iv) definir estratégias/princípios orientadores no sentido de potenciar o envolvimento dos pais/encarregados de educação no processo educativo das crianças.

Tomando como ideias base da investigação a conceção (i) de Educação Pré-Escolar como complemento da ação educativa da família

(Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, art.º 2) e (ii) da família enquanto primeira e principal educadora das crianças (Steves, Hough & Nurs, 2002; citados por Leal, 2011), a investigação foi desenvolvida em duas fases: a fase I incide no diagnóstico das concepções de uma educadora de infância e de 14 pais acerca do envolvimento parental no Jardim-de-Infância, recorrendo a uma entrevista e a um inquérito por questionário; a fase II recai na planificação, implementação e avaliação das propostas educativas implementadas promotoras do envolvimento dos pais/encarregados de educação na ação educativa.

A análise de dados recolhidos ao longo das duas fases de investigação centra-se nos tipos de envolvimento instituição/família definidos por Epstein (1992, 1995). Uma visão integradora sobre os resultados obtidos ao longo da presente investigação revela que o nível de envolvimento parental mais frequente nas concepções dos pais e da educadora participante desta investigação, é de tipo três (*volunteering*), havendo a necessidade de estabelecer princípios orientadores que auxiliem os profissionais de educação a obter níveis de envolvimento mais elevados e significativos.

keywords

Pre-Primary Education, Family, Parental Involvement.

abstract

The presente investigation looks forwards to comprehend in what way parents/guardians can involve in the educational life of their children/pupils in a way that benefits their learning process. This way, and resorting to an investigation *about practice in its own* (Ponte, 2004) sustented in an educational paradygm, it's intended to (i) understand the conceptions of parents/guardians facing the development and learning of their children in Kindergarten; (ii) understand the perspectives of the concerning the involvement of the parents/guardians in the educational process of the children; (iii) evaluate the impact of the implemented educational proposals in the involvement of parents/guardians in the educational actions; and (iv) define orienting strategies/principles as a way to potencieate the involvement of parents/guardians in the educational process of the children.

Assuming the basic ideas of investigation, the conception (i) of the Pre-Primary Education as a complement of the educational action of the family (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, art.º 2) and (ii) of the family as first and most important part of the children learning (Steves, Hough &

Nurs, 2002; cited by Leal, 2011), the investigation was developed in two stages: stage I focuses on diagnosing the conceptions of a kindergarten teacher and the ones of 14 about parental involvement in the learning institution, resorting to an interview and an inquiry in the form of a questionnaire; stage II focuses in the planification, implementation and evaluation of the implemented educational proposals in the involvement of parents/guardians in the educational actions. The analysis of the recovered data in the course of the two stages of investigation focuses on the types of involvement institution/family defined by Epstein (1992, 1995). Na integration view about the given results during the present investigation reveals that the most frequent type of parental involvement in kindergartens is of type 3 (*volunteering*). There is still the need to establish orienting principles that will aid the teaching professionals to obtain more elevated and significate degrees of involvement.

Índice

Agradecimentos.....	IV
Palavras-chave.....	V
Resumo.....	V
Keywords.....	VII
Abstract.....	VII
Índice Geral.....	IX
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Quadros.....	XII
Abreviaturas.....	XIII
Introdução.....	1
PARTE I	
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. Abordagens e significados: uma apropriação de conceitos.....	6
2. Relação Instituição/Família na Educação Pré-Escolar.....	7
2.1. Enquadramento legal do papel da Família na Educação Pré-Escolar.....	8
2.2. O papel do Educador de Infância como promotor da relação Instituição/Família.....	10
3. Participação e Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância.....	12
3.1. Tipos de envolvimento.....	12
3.2. A importância do envolvimento: contributos e obstáculos.....	13
PARTE II	
CAPÍTULO II – OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
1. Fundamentação da opção metodológica.....	20
2. Questões e objetivos de investigação.....	20
3. Caracterização do contexto institucional.....	21
3.1. Caracterização da instituição.....	21
3.2. Caracterização dos participantes da investigação.....	22
3.2.1. Caracterização da educadora de infância.....	22
3.2.2. Caracterização dos pais.....	22
3.2.3. Caracterização das crianças.....	23
4. Fases da investigação: técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	24
4.1. Observação participante.....	24
4.2. Análise documental.....	25
4.3. Entrevista.....	25
4.4. Inquérito por questionário.....	26

4.5. Tratamento da informação recolhida	27
4.6. Questões éticas	27
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	29
1. Fase I – Diagnóstico das concepções dos participantes da investigação sobre o envolvimento parental no Jardim-de-Infância	30
1.1. Entrevista à educadora de infância.....	30
1.2. Inquérito por questionário aos pais	31
2. Fase II – Planificação, implementação e avaliação das propostas educativas promotoras do envolvimento parental no JI	35
3. Análise dos dados recolhidos: tipos de envolvimento	44
CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO	49
PARTE III	
CAPÍTULO V – REFLEXÃO FINAL	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
APÊNDICES	I
Apêndice I. Guião da entrevista à educadora de infância	V
Apêndice II. Transcrição da entrevista à educadora de infância.....	VII
Apêndice III. Inquérito por questionário aos pais	XI
Apêndice IV. Reflexões	XVII
Apêndice V. Planificações	XXV

Índice de Figuras

Figura 1. Resultados obtidos inerentes às habilitações académicas dos pais participantes na investigação.....	23
Figura 2. Resultados obtidos inerentes à deslocação ao JI dos respondentes ao inquérito por questionário.....	31
Figura 3. Resultados obtidos inerentes à periodicidade de deslocação ao JI dos respondentes ao inquérito por questionário.....	32
Figura 4. Resultados obtidos inerentes à relação estabelecida com a Educadora de Infância dos filhos dos respondentes ao inquérito por questionário.....	32
Figura 5. Resultados obtidos inerentes às iniciativas em que participam os respondentes ao inquérito por questionário.....	33
Figura 6. Resultados obtidos inerentes à participação dos respondentes ao inquérito por questionário numa atividade do JI.....	34
Figura 7. Reunião de Pais.....	36
Figura 8. Ilustração do puzzle.....	36
Figura 9. Puzzle emoldurado.....	37
Figura 10. Ilustração do recado para os pais.....	38
Figura 11. Quadro da Família.....	38
Figura 12. Árvore da Família.....	38
Figura 13. A mãe cabeleireira veio à nossa sala.....	39
Figura 14. A mãe cabeleireira faz penteados às crianças.....	39
Figura 15. A mãe psicóloga veio à nossa sala.....	40
Figura 16. Crianças na manta.....	40
Figura 17. A mãe é brindada com um abraço em grupo.....	41
Figura 18. A mãe confeciona um bolo.....	41
Figura 19. As crianças participam na confeção do bolo.....	42
Figura 20. As crianças ouvem uma história.....	42
Figura 21. Crianças brincam com plasticina.....	42
Figura 22. Crianças lancham.....	43
Figura 23. Crianças visitam a fábrica.....	43
Figura 24. A mãe distribui guloseimas às crianças.....	44

Índice de Quadros

Quadro 1. Processo de relacionamento entre o Princípio Geral da EPE, os Objetivos Gerais da EPE e a sua tradução nos Princípios Gerais das OCEPE (adaptado de Gaspar, 2004)	9
Quadro 2. Procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados segundo as fases de investigação e a sua calendarização	24
Quadro 3. Calendarização das atividades promotoras do envolvimento parental no JI	35

Abreviaturas

PP – Prática Pedagógica

EPE – Educação Pré-Escolar

EE – Encarregados de Educação

JI – Jardim-de-Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Introdução

A presente investigação foi desenvolvida ao longo da Prática Pedagógica (PP), mais precisamente na PPIII, em contexto Educação Pré-Escolar (EPE), durante o 2.º ano do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo 2014/2015, sob orientação científica da Professora Doutora Rita Leal.

Durante a frequência nas práticas anteriores – PPI e PPII – o envolvimento/participação/colaboração dos pais/encarregados de educação (EE) na vida das instituições educativas dos filhos/educandos era praticamente inexistente. E, foi a partir dessa problemática verificada nas experiências de PP anteriores que surgiu a temática desta investigação: *O Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância*.

Considerámos que era necessário aprofundar esta problemática para percebermos de que forma é que os pais/EE podem envolver-se/participar/colaborar na vida da instituição educativa dos seus filhos/educandos e quais os contributos/benefícios desse envolvimento/participação/colaboração. Em torno dessa curiosidade surgiram duas questões de investigação, nomeadamente: (i) De que forma as propostas educativas implementadas potenciam o envolvimento dos pais/EE face ao seu papel no processo educativo dos seus filhos? (ii) Que estratégias/princípios orientadores poderão ser implementados/seguidos no contexto da EPE de forma a potenciar as interações com a família?

Foi em torno destas questões que se foi desenvolvendo a presente investigação, estruturada dentro de um paradigma qualitativo. Por se tratar de uma investigação desenvolvida ao longo da PPIII decidiu-se adotar metodologicamente o conceito de *investigar a nossa própria prática* de Ponte (2004).

Pretendemos, assim, com a presente investigação: (i) compreender as conceções dos pais/EE face ao desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos no Jardim-de-Infância (JI); (ii) compreender as perspetivas dos educadores de infância face ao envolvimento/participação dos pais/EE no processo educativo das crianças; (iii) avaliar o impacte das propostas educativas implementadas no envolvimento/participação dos pais/EE na ação educativa; e (iv) definir estratégias/princípios orientadores no sentido de potenciar o envolvimento dos pais/EE no processo educativo das crianças.

Para responder a estes objetivos foram desenhadas duas fases de investigação:

Fase I – Diagnóstico das conceções dos participantes da investigação sobre o envolvimento parental no JI;

Fase II - Planificação, implementação e avaliação das propostas educativas promotoras do envolvimento parental no JI.

A fase I incide no diagnóstico das concepções sobre o envolvimento parental no JI de uma educadora de infância e de 14 pais participantes nesta investigação, recorrendo a uma entrevista, um inquérito por questionário e à observação participante.

A fase II recai na planificação, implementação e avaliação das propostas educativas implementadas promotoras do envolvimento dos pais/EE na ação educativa.

A presente investigação foi desenvolvida num estabelecimento de ensino privado e católico, localizado na região norte do país com a colaboração de uma educadora de infância, 14 crianças (com idades compreendidas entre os 4/5 e 5/6 anos) e os seus respetivos pais/EE.

O relatório final organiza-se essencialmente em três partes, divididas em cinco capítulos.

A primeira parte foca-se no enquadramento teórico (capítulo I) e abordará a relação entre a EPE e a família: o enquadramento legal, o papel do educador de infância, os tipos de envolvimento e os seus contributos e obstáculos.

A segunda parte centra-se no estudo desenvolvido e encontra-se subdividida em três capítulos. No primeiro capítulo (capítulo II) poderá encontrar-se as opções metodológicas da presente investigação: (i) paradigmas; (ii) questões e objetivos da investigação; (iii) caracterização do contexto institucional; (iv) fases da investigação; e (v) tratamento da informação recolhida. No segundo capítulo (capítulo III) faremos a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos. Por fim (capítulo IV), a conclusão.

A terceira parte dedicará-se à reflexão final sobre todo o percurso desenvolvido durante a prática ao longo dos dois anos do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Acredita-se que a investigação pode constituir um importante contributo para a educação, e mais especificamente para a EPE, na medida em que:

Incide na compreensão em profundidade das relações entre a pedagogia e a aprendizagem e no modo como as práticas pedagógicas da educação pré-escolar promovem o desenvolvimento de capacidades e disposições para aprender que se revestem de importância fundamental para a aprendizagem ao longo da vida (Folque, 2012, p. 40).

PARTE I

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Abordagens e significados: uma apropriação de conceitos

O enquadramento teórico concentra-se essencialmente na problemática desta investigação: *O Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância*. Para a compreensão desta problemática torna-se fulcral abordar conceitos que a facilitem, nomeadamente: (i) a EPE/JI; e (ii) a família.

A EPE¹ é praticada, em Portugal, em diversas instituições, dependentes do setor público e privado, designadas *Jardim-de-Infância* (Folque, 2012).

A Lei-Quadro da EPE define a EPE como “a primeira etapa da educação básica”, tem um papel essencial no processo educacional das crianças, complementando a ação educativa da família, “com a qual deve estabelecer estreita cooperação”, com vista na plena inserção da criança na sociedade “como ser autónomo, livre e solidário” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 2.º).

Este princípio geral, definido pela Lei-Quadro da EPE, salienta a finalidade educativa de promover não só o desenvolvimento e a aprendizagem de cada criança, mas também o seu desenvolvimento social como cidadão (Folque, 2012). Esta ideia é acentuada nos objetivos gerais pedagógicos da EPE, definidos na mesma Lei-Quadro:

- a) “Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- h) Proceder à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 10.º).

¹ A EPE destina-se a crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no 1.º Ciclo do Ensino Básico e é de carácter facultativo (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (aprovadas no Despacho n.º 5220/97, publicado a 4 de agosto) são uma referência para todos os educadores de infância da Rede Nacional da EPE, destinando-se à organização da componente educativa (Ministério da Educação, 1997). Têm como objetivo primordial “promover uma melhoria da qualidade da educação pré-escolar” (Ministério da Educação, 1997, p. 13), de forma a criar oportunidades necessárias para que as crianças aprendam a aprender. Contudo, ao analisarmos as OCEPE verificamos que as mesmas não devem ser vistas como um programa, uma vez que se centram em indicações para o educador (Ministério da Educação, 1997).

Outro conceito em que se baseia a investigação relaciona-se com a conceção de família como um organismo que se encontra em desenvolvimento, sabendo-se que as relações e interações com diferentes sistemas, incluindo o escolar, têm impacte positivo e significativo no comportamento e na relação estabelecida com os filhos, influenciando o seu desenvolvimento e aprendizagem (Steves, Hough & Nurs, 2002; Ashton et al., 2008; citados por Leal, 2011).

O conceito de família é complexo e está em constante alteração (Vitale, 2006).

A família possuiu diversas funções relativamente ao seu papel na vida de uma criança. É no seio desta que a criança se desenvolve nos primeiros anos de vida, dando início ao seu desenvolvimento pessoal e social (Baptista, 2013). É um “contexto relacional e afetivo que permite à criança desenvolver-se e construir a sua identidade” (Santos, 2004, p. 38). Esta é vista como o primeiro lugar onde a criança aprende a viver e a desenvolver características que a ajudam na construção do seu próprio eu (Baptista, 2013).

Partindo destes conceitos chaves, organizou-se o presente enquadramento teórico em vários capítulos que focam: (i) a relação Instituição/Família na EPE, abordando o enquadramento legal do papel da família na EPE e o papel do educador de infância como promotor da relação Instituição/Família; (ii) a participação e o envolvimento parental no JI, assim como os tipos de envolvimento e os seus contributos e obstáculos.

2. Relação Instituição/Família na Educação Pré-Escolar

A relação entre as instituições educativas e a família, com toda a sua complexidade, tem vindo a ganhar uma visibilidade maior na sociedade portuguesa. A investigação nesta área tem vindo a ser desenvolvida por um número cada vez maior de investigadores (Simões, 2013).

A EPE e a família são dois contextos diferentes que contribuem para a educação da mesma criança, torna-se, por isso, importante que haja uma relação entre os dois (Ministério da Educação, 1997).

2.1. Enquadramento legal do papel da Família na Educação Pré-Escolar

As políticas educativas têm-se esforçado no sentido de criar legislação que apoie o envolvimento/participação/colaboração das famílias/pais/EE na vida das instituições educativas dos seus filhos/educandos (Abreu, 2012).

O sistema público da EPE surgiu com a Lei n.º 5/77 de 1 de fevereiro. No Decreto-Lei n.º 542/79 de 31 de dezembro, em conformidade com o disposto no artigo 3.º da Lei n.º 5/77 de 1 de Fevereiro, foi aprovado o estatuto dos Jardins-de-Infância do sistema público. Esse estatuto salienta o papel fundamental da família no processo educativo das crianças. No artigo 26.º revela que “as atividades dos jardins-de-infância serão organizadas e orientadas com base numa articulação permanente entre educadores e as famílias que possa assegurar a indispensável informação e esclarecimento recíprocos”. No artigo 27.º aponta para (i) a importância das famílias, organizadas ou individualmente, assegurarem “aos educadores uma informação correta que facilite o conhecimento da criança e favoreça o seu acompanhamento”, e (ii) o interesse dos educadores de infância promoverem “ações necessárias ao esclarecimento e sensibilização das famílias sobre os objetivos e métodos das diversas etapas e fases das atividades”.

Em 1997, a Lei-Quadro para a EPE² (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) enuncia como um dos objetivos gerais pedagógicos: “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de afetiva colaboração com a comunidade” (artigo 10.º).

À família, entendida nessa Lei-Quadro (artigo 4.º) como pais e EE, é atribuído o direito de:

- (i) “Participar, através de representantes eleitos para o efeito ou de associações representativas, na direção dos estabelecimentos de educação pré-escolar;
- (ii) Desenvolver uma relação de cooperação com os agentes educativos numa perspetiva formativa;
- (iii) Dar parecer sobre o horário de funcionamento do estabelecimento de educação pré-escolar;
- (iv) Participar em regime de voluntariado, sob a orientação da direção pedagógica da instituição, em atividades educativas de animação e de atendimento” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 4.º).

No mesmo ano, 1997, surgem as OCEPE, que acentuam na valorização da criança, da família e da EPE (Baptista, 2013). A criança deve ter um papel ativo no processo educativo, “o que significa partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens” (Ministério da Educação, 1997, p.

² A presente Lei-Quadro, na sequência dos princípios definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo, consagra o ordenamento jurídico da EPE (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 1.º).

14); as famílias devem fazer parte do processo educativo das crianças, proporcionando-lhes oportunidades de cooperação; as “crianças também se relacionam e interagem diretamente com outras famílias e com outros serviços e instituições da comunidade” e as “relações que estabelecem entre eles têm influência na educação da criança, nomeadamente as relações entre a família e o estabelecimento de educação pré-escolar” (Ministério da Educação, 1997, p. 33). São também reconhecidos os efeitos no desenvolvimento e aprendizagem dos adultos que participam na educação das crianças: “o processo de colaboração com os pais e com a comunidade tem efeitos na educação das crianças e, ainda, consequências no desenvolvimento e na aprendizagem dos adultos que desempenham funções na sua educação” (Ministério da Educação, 1997, p. 23).

Os autores das OCEPE relacionaram as afirmações contidas no princípio da Lei-Quadro da EPE (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) com os objetivos gerais pedagógicos, enunciados na mesma Lei-Quadro, para mostrarem como se traduzem os princípios gerais das OCEPE (Gaspar, 2004). Desse processo de relacionamento, interessa-nos reter os pontos pertinentes para a problemática desta investigação, como podemos observar (Quadro 1):

Quadro 1

Processo de relacionamento entre o Princípio Geral da EPE, os Objetivos Gerais da EPE e a sua tradução nos Princípios Gerais das OCEPE (adaptado de Gaspar, 2004)

Princípio Geral ¹	Objetivos Gerais ¹	Orientações Curriculares ²
“(…) complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação (...)”	“i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.”	“Já não se procura compensar o meio familiar, mas partir dele e ter em conta a(s) cultura(s) de que as crianças são oriundas, para que a educação pré-escolar se possa tornar mediadora entre as culturas de origem das crianças e a cultura que terão de se apropriar para terem uma aprendizagem de sucesso” (p. 22). “(…) tanto os pais como outros membros da comunidade poderão colaborar no desenvolvimento do projeto educativo do estabelecimento” (p. 23).

¹ Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n. 5/97 de 10 de fevereiro).

² Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997).

Compreende-se, assim, que a EPE é “complementar da educação educativa da família com a qual deve estabelecer estreita cooperação” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 2.º), sendo essencial “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 10.º), nomeadamente através da participação dos pais e outros membros da comunidade na elaboração do processo educativo do estabelecimento (Ministério da Educação, 1997). Não se trata de “compensar” o meio familiar, mas ter em conta a cultura da criança, tendo a EPE de servir de mediadora entre essa cultura e a cultura que a criança terá de se apropriar, para ter sucesso nas aprendizagens e ser membro inserido na sociedade (Ministério da Educação, 1997).

Centrando-nos, mais uma vez, na problemática desta investigação, podemos dizer que as OCEPE (Ministério da Educação, 1997) enumeram algumas possíveis estratégias a desenvolver, no sentido de favorecer a relação entre o JI e a família, nomeadamente:

(i) estabelecer um clima de comunicação “através de trocas informais e/ou formais, como reuniões” (p. 45);

(ii) a participação dos pais em “situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar sobre a sua profissão, colaborar em visitas e passeios” (p. 45);

(iii) o educador valorizar o contributo de saberes/competências/experiências dos pais “para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças” (p. 45);

(iv) a “participação dos pais na elaboração do projeto educativo do estabelecimento e no projeto educativo do educador” (p. 45).

2.2. O papel do Educador de Infância como promotor da relação Instituição/Família

“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias” (Cury, 2003, p. 55). Esta descrição poética de Cury, que retrata a tarefa de educar e o papel do educador, serve-nos de ponto de partida para abordar o papel do educador de infância como promotor da relação entre o JI e a família (Simões, 2013).

No Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, é definido o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância. Este reporta-se ao papel do educador em várias vertentes. Quanto ao “âmbito da relação e da ação educativa” (ponto 4, capítulo II, anexo n.º 1), o educador deve envolver “as famílias e a comunidade nos projetos a desenvolver” (ponto 4, alínea d, capítulo II, anexo n.º 1).

Segundo as OCEPE, a “intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando” (Ministério da Educação, 1997, p. 25). São elas: observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular.

Centrando-nos na problemática desta investigação, importa salientar essencialmente o papel do educador como promotor da relação entre o JI e a família.

O educador de infância deve (Ministério da Educação, 1997): (i) observar o grupo e cada criança em particular, conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, deve, também, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio onde as crianças vivem; (ii) planear baseando-se no seu conhecimento sobre cada criança e o grupo, o educador deve ter em conta o contexto social e familiar da criança, de forma a promover aprendizagens diversificadas e significativas; (iii) agir após a planificação e adaptar-se a situações e oportunidades imprevistas; quando estas ocorrem o educador deve tirar partido delas; a “participação de outros adultos – auxiliar de ação educativa, pais, outros membros da comunidade – na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interações das crianças e de enriquecer o processo educativo” (p. 27); (iv) avaliar as crianças e o grupo, para quem planificou, para poder adequar o processo educativo às necessidades e à evolução de cada uma delas; a “avaliação é o suporte do planeamento” (p. 27); (v) comunicar o desenvolvimento da criança à comunidade educativa: “a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade” (p. 27); (vi) articular, ou seja, proporcionar as condições necessárias para que cada criança “tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1.º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (p. 28).

O educador deve arranjar estratégias para este envolvimento das famílias no JI (Domingues, 2012). Podem ser: (i) reunião de pais para apresentação do projeto educativo; (ii) reuniões para apresentação de projetos de trabalho e negociações de formas de colaboração das famílias; (iii) participação das famílias nas atividades da instituição educativa, atribuindo-lhes o papel de orientadores, aproveitando as suas experiências profissionais e artesanais; (iv) permitir a visita dos pais à sala de atividades; (v) promover exposições de trabalho e de projetos individuais e coletivos; (vi) visitar os locais de trabalho dos familiares ou os seus espaços de lazer (Abreu et al., 1990).

Epstein (2009) aponta algumas sugestões que os docentes podem seguir para promover a relação entre a família e a instituição educativa, nomeadamente: (i) ser claros relativamente ao que esperam dos pais, incluindo como podem apoiar os seus filhos em casa; (ii) informar os pais sobre o que se passa com os seus educandos (não só aspetos problemáticos, mas também os que envolvam sucessos); (iii) criar condições para que as

famílias sintam a instituição educativa como um espaço que possam ter iniciativas no sentido de a melhorar.

3. Participação e Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância

Ao analisarmos os conceitos - *participação parental* e *envolvimento parental* – observamos diferenças significativas (Simões, 2013).

A expressão *participação parental* é utilizada para mencionar as atividades que “pressupõem a tomada de decisões, o exercício do poder deliberativo e o trabalho voluntário na escola” (Simões, 2013, p. 79).

Segundo Davies (1989), a designação de *envolvimento parental* é utilizada no sentido de envolver todas as formas e atividades dos EE na educação dos seus educandos, tanto em casa como na instituição educativa e/ou na comunidade.

A importância de uma colaboração entre a instituição educativa e a família das crianças é referida em vários estudos (de que são exemplo Epstein, 1984, 1992, 1995; Gaspar, 1999, 2004; Simões, 2013) sobre esta problemática, não apenas como um meio de troca de informações acerca da criança, mas como partilha, como “um intercâmbio de informações e reflexões subjacente a uma tomada de decisões conjunta face ao processo de aprendizagem da criança” (Leal, 2011, p. 105).

Debruçar-nos-emos então sobre o envolvimento parental. É necessário conhecer alguns modelos para podermos optar pela melhor forma de envolver ou promover a participação dos pais na vida da instituição educativa dos seus filhos.

3.1. Tipos de envolvimento

Torna-se como referência, na presente investigação, os estudos desenvolvidos por Joyce Epstein (1984, 1992, 1995).

Epstein (1984) refere que os educadores/professores são os principais atores no processo de envolvimento da família na instituição educativa, para uma “educação participada” (p. 113); ou seja, o envolvimento dos pais nas atividades da instituição educativa potencia o conhecimento da família acerca do desenvolvimento dos seus filhos, permitindo que os possam apoiar em casa. A autora salienta, ainda, que cabe ao educador/professor o primeiro passo para o melhoramento da relação que os pais têm com os educadores/professores e a instituição educativa.

Epstein (1992, 1995) definiu seis tipos de envolvimento/colaboração, cinco tipos referentes à colaboração Instituição/Família e um tipo de colaboração Instituição/Comunidade. Passamos à explicação dos cinco tipos de colaboração Instituição/Família, por se tratar de uma referência nesta investigação:

Tipo 1: *Parenting* (obrigações básicas das famílias) – as instituições educativas auxiliam as famílias para que estas possam responder da melhor forma às necessidades básicas da criança. Cabe à família a responsabilidade de fornecer as melhores condições de saúde e segurança às crianças, desde alimentação, higiene, vestuário, condições ambientais saudáveis. As instituições educativas ficam com o dever de desenvolver nas famílias os conhecimentos e as capacidades que lhes permitam compreender as suas crianças de forma a responder eficazmente às necessidades e interesses das mesmas.

Tipo 2: *Communicating* (obrigações básicas das instituições) – as instituições educativas devem transmitir às famílias informação sobre o regulamento interno, os programas escolares e o progresso educativo da criança. A comunicação deve ser feita de várias formas e de forma frequente para que se torne eficaz.

Tipo 3: *Volunteering* (envolvimento na instituição) – as instituições educativas alistam e organizam voluntários familiares, que dedicam parte do seu tempo e dos seus talentos, para ajudar em algumas atividades (passeios, organização de festas, campanhas).

Tipo 4: *Learning at home* (envolvimento em atividades de aprendizagem em casa) – as instituições educativas e as famílias, em parceria, definem objetivos e promovem estratégias de incentivo ao apoio da aprendizagem em ambiente familiar. As instituições ajudam as famílias na preparação de meios para a orientação dos filhos em casa, ajudando as crianças a progredir.

Tipo 5: *Decision making* (participação na tomada de decisões) – as instituições educativas incentivam a participação das famílias na tomada de decisões, de forma a desempenharem um papel ativo na vida da instituição. Esta participação das famílias pode ser concretizada através dos órgãos representativos das famílias nas instituições, por exemplo: associações de pais.

Os tipos de colaboração/envolvimento definidos por Epstein (1984) devem ser flexíveis, adequando-se às características de cada comunidade educativa.

Esta tipologia de Epstein tem sido implementada e testada em vários países, nomeadamente em Portugal, e é já considerado um exemplo de boas práticas (Simões, 2013).

3.2. A importância do envolvimento: contributos e obstáculos

Os contributos/benefícios para o envolvimento/colaboração/participação entre a instituição educativa e a família podem ser analisados sob diferentes perspetivas, sendo que aqui apresentamos alguns desses contributos.

Segundo Davies (1989), o desenvolvimento da criança é a principal razão para este envolvimento. No entanto, este envolvimento traz benefícios também para os

próprios pais, aumenta a sua influência na tomada de decisões relacionadas com os seus filhos/educandos, melhoram o seu papel, fortalecem os laços sociais, têm acesso a mais fontes de informação e formação e melhoram a sua autoestima.

Para as crianças (centro desta relação), este envolvimento traz benefícios, nomeadamente no desenvolvimento de competências e na aquisição do sucesso educativo (Davies, 1989; Epstein, 1992; Leal, 2011).

Para os docentes traz benefícios no reconhecimento do seu trabalho desenvolvido com as crianças, na partilha de preocupações e na procura de soluções e no maior apoio (e menos desconfiança) das famílias, diminuindo as desconfianças das mesmas (Davies, 1989; Epstein, 1992; Leal, 2011).

Segundo Brickman e Taylor (1991), os pais são os primeiros educadores e os primeiros adultos a desempenhar um papel essencial no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças. Como tal, torna-se fulcral que os pais, primeiros responsáveis pelas crianças, estabeleçam contatos com os outros adultos que, também, desempenham papéis importantes na vida das crianças. A existência desses contatos acarreta benefícios, destacando-se: (i) ajuda a criança na transição de um ambiente educativo para o seguinte; (ii) ajuda os pais a descobrir formas de participação/envolvimento na instituição educativa; (iii) ajuda os pais a conhecer as atividades que são desenvolvidas pelas crianças na instituição educativa; e (iv) ajuda os pais e educadores a compreender melhor as crianças (por exemplo: alterações de comportamento).

O envolvimento dos pais é também um “instrumento de democraticidade da sociedade” (Carvalho, 2008, p. 59), uma vez que “este trabalho parceiro e colaborativo reduz as desigualdades económicas, sociais e culturais do sistema quando a favor de uma sociedade mais igualitária” (Leal, 2011, p. 109).

O envolvimento da família na instituição educativa é caracterizada por contributos nas diferentes perspetivas - crianças, famílias, docentes, instituições educativas, sociedade – mas também há estudos que referem obstáculos.

Davies (1989) refere que os obstáculos encontram-se relacionados com: (i) a instituição educativa e a família são estruturas com funcionalidades diferentes, nomeadamente na qualidade e na profundidade de interações estabelecidas com a criança; (ii) a classe social das famílias origina desconfiança entre a instituição educativa e a família; (iii) características da instituição educativa e dos docentes, designadamente: “rotina; necessidade de estabilidade; fuga de correr riscos; objetivos pouco claros; partilha da concretização de objetivos por muitos intervenientes; normas informais muito poderosas; professores com *status* baixo e desmotivados, com receio face à intervenção de forças exteriores, como os pais” (p. 59).

Por vezes os educadores de infância têm medo de envolver a família/pais/EE nas atividades ou na tomada de decisões; muitos deles sentem medo de não terem uma resposta adequada às exigências (que pensam) que os pais possam vir a colocar-lhes afirmando, frequentemente, que “o seu papel é educarem as crianças e não o de apoiarem os pais” (David, 1990; citado por Gaspar, 1999, p. 91).

Wolfendale (1992; citado por Gaspar, 1999) afirma que os educadores de infância devem construir saberes e valores, durante a formação inicial, que possam ser refletidos mais tarde em parceria com os pais/EE das crianças.

Tizard et al. (1981) e Marques (1999) (citados por Gaspar, 2004) apresentam outros obstáculos da colaboração entre a instituição educativa e a família, nomeadamente: (i) a forte tradição centralista da escola portuguesa construída longe das famílias; (ii) a carência de formação dos educadores de infância para trabalhar com as famílias; e, (iii) a falta de tempo e de recursos para conhecer os estudos desenvolvidos nesta área e para organizar atividades de envolvimento das famílias (individualmente e em grupo) no JI.

Na perspetiva de Matos (1994), as barreiras/obstáculos passam, também, pela falta de tempo dos pais por motivos profissionais, uma vez que os encontros para o envolvimento dos pais nas instituições educativas são feitos durante o horário de trabalho.

PARTE II

CAPÍTULO II

OPÇÕES METODOLÓGICAS

1. Fundamentação da opção metodológica

A presente investigação pretende ser um contributo para compreender a importância da relação vivida entre o JI e os pais/EE da criança. Pretende-se compreender este fenómeno no seu todo e a sua implicação no processo educativo da criança, e por essa razão optou-se pela realização de uma investigação sustentada no paradigma qualitativo.

Segundo Fernandes (1991) uma investigação suportada por este paradigma permite a compreensão mais profunda dos problemas; é investigar o que está “por trás” dos comportamentos, atitudes ou convicções. Neste paradigma o investigador é o “instrumento” de recolha de dados, a qualidade (validade e fiabilidade) desses dados depende da sensibilidade, integridade e conhecimento do investigador.

Sabe-se que muitos profissionais de educação deparam-se, durante a sua prática, com inúmeros problemas e, em vez de aguardarem por soluções vindas de terceiros (administração, direção, grupos académicos...), muitos deles têm investigado esses problemas. Também na presente investigação, a problemática e as questões de investigação aqui apresentadas surgiram no decorrer da PP, mais concretamente da PPIII do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo que, metodologicamente, se adotou o conceito de *investigar a nossa própria prática* de Ponte (2004). Este tipo de investigação:

Contribui para o esclarecimento e resolução de problemas; além disso, proporciona o desenvolvimento profissional dos respetivos atores e ajuda a melhorar as organizações em que eles se inserem; e, em certos casos, pode ainda contribuir para o desenvolvimento da cultura profissional nesse campo de prática e até para o conhecimento da sociedade em geral (Ponte, 2002, citado por Ponte, 2004, p. 2).

2. Questões e objetivos de investigação

Definida a problemática, a fase posterior centrou-se na formulação de questões de investigação, determinando o que pretendíamos saber, assim como os objetivos de investigação que pretendíamos alcançar.

As questões que orientam a investigação são as seguintes:

- i. De que forma as propostas educativas implementadas potenciam o envolvimento dos pais/EE no processo educativo dos seus filhos?
- ii. Que estratégias/princípios orientadores poderão ser implementados/seguidos no contexto da EPE de forma a potenciar as interações com a família das crianças?

No sentido de obter respostas para as questões de investigação, foram definidos os seguintes objetivos de investigação:

- i. Compreender as concepções dos pais/EE face ao desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos no JI;
- ii. Compreender as perspetivas dos educadores de infância face ao envolvimento/participação dos pais/EE no processo educativo das crianças;
- iii. Avaliar o impacte das propostas educativas implementadas no envolvimento/participação dos pais/EE na ação educativa;
- iv. Definir estratégias/princípios orientadores no sentido de potenciar o envolvimento dos pais/EE no processo educativo das crianças.

3. Caraterização do contexto institucional³

3.1. Caraterização da instituição

A instituição onde decorreu esta investigação é um estabelecimento de ensino privado e católico, localizado na região norte do país. Até à data do presente relatório (2015), este estabelecimento de ensino tem como respostas sociais a EPE e o 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O edifício é constituído por um bloco único de três pisos e, no período em que se desenvolveu a fase de observação da PPIII (de 6 a 17 de outubro de 2014), o edifício possuía:

- i) no primeiro piso: portaria, secretaria, refeitório e sala polivalente para usufruto das crianças;
- ii) no segundo piso: três salas destinadas à EPE, casas de banho, biblioteca, gabinete da Diretora da instituição, sala de estudo e sala polivalente;
- iii) no terceiro piso: quatro salas do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, sala de informática, casas de banho e sala de professores.

Nos espaços envolventes ao edifício podemos encontrar: (i) a capela; (ii) o parque infantil; (iii) o jardim; e (iv) a horta.

A comunidade educativa da instituição, no período em que se desenvolveu a fase de observação (de 6 a 17 de outubro de 2014), era constituída por:

- i) corpo docente composto por: duas educadoras de infância, três professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico e oito professores do 2.º Ciclo do Ensino Básico;

³ A caraterização do contexto institucional, onde decorreu a investigação, fundamenta-se nos dados recolhidos através da minha observação, de conversas informais com a comunidade educativa e da análise documental do regulamento interno da instituição educativa (dados recolhidos de 6 a 17 de outubro de 2014).

ii) 26 crianças inscritas na EPE (com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos), 46 alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico (25 alunos no 1.º ano; 7 alunos no 3.º ano e 14 alunos no 4.º ano) e 14 alunos no 2.º Ciclo do Ensino Básico (5.º ano).

iii) sete funcionários: duas cozinheiras, uma secretária, três auxiliares de ação educativa e um motorista, que presta também serviços de supervisor.

Relativamente ao funcionamento, a instituição exerce as suas atividades de segunda a sexta-feira das 7 horas e 30 minutos às 18 horas e 45 minutos.

O horário do Pré-Escolar organiza-se da seguinte forma: (i) das 7 horas e 30 minutos às 9 horas as crianças permanecem na componente de apoio à família; (ii) a componente educativa inicia-se às 9 horas (período da manhã: das 09h00min. às 11h45min.; período da tarde: das 14h00min. às 16h30min.) e termina às 16 horas e 30 minutos; (iii) a partir das 16 horas e 30 minutos as crianças permanecem na componente de apoio à família, até as virem buscar, não ultrapassando as 18 horas e 45 minutos.

Torna-se relevante, para a presente investigação, referir que no ano letivo 2014/2015 a instituição educativa não contava com associação de pais.

3.2. Caraterização dos participantes da investigação

Refletindo sobre a problemática da investigação, os objetivos da mesma, e realizada a caraterização da instituição e todos os intervenientes educativos, selecionaram-se os participantes da investigação, sendo estes constituídos por: (i) uma educadora de infância; (ii) 14 crianças; e, (iii) 14 pais⁴.

3.2.1 Caraterização da educadora de infância

Os dados recolhidos acerca da educadora de infância participante nesta investigação foram recolhidos através de uma entrevista (apêndice I e II).

A educadora de infância possui Bacharelato em Ciências da Educação e 37 anos de serviço, três deles na instituição em que foi realizada esta investigação.

O grupo de crianças, também participante nesta investigação, é acompanhado por esta educadora de infância desde que entraram para a instituição.

3.2.2. Caraterização dos pais

Os dados recolhidos acerca dos pais participantes na investigação foram retirados de um inquérito por questionário (apêndice III) e das fichas de identificação pessoal das

⁴ A análise feita às fichas de identificação pessoal das crianças permitiu constatar que os EE das crianças são o Pai ou a Mãe, pelo que se escolheu trabalhar apenas com “pais das crianças”, deixando de usar a nomenclatura “encarregados de educação”.

crianças do ano letivo 2014/2015, nomeadamente a idade, as habilitações académicas e as profissões.

A idade dos pais varia entre os 30 e os 46 anos de idade.

Relativamente às habilitações académicas (figura 1), podemos constatar que todos são letrados, sendo que as habilitações académicas dos pais variam entre o 1.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Superior.

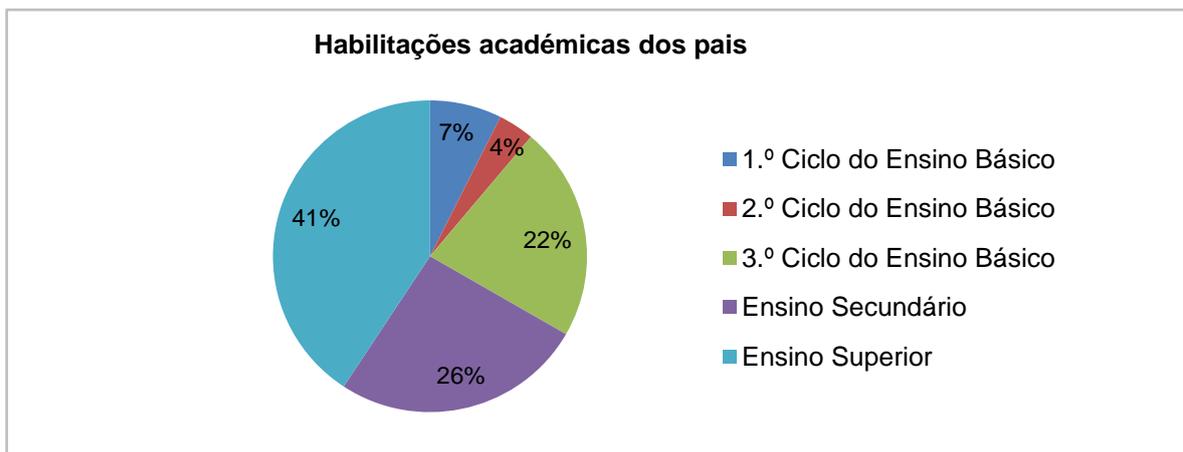


Figura 1. Resultados obtidos inerentes às habilitações académicas dos pais participantes na investigação.

De salientar que não foi possível recolher informação sobre as habilitações académicas de um pai, porque a mesma não constava na ficha de identificação pessoal do seu educando.

Até à data final do período de observação (17 de outubro de 2014) todos os pais encontravam-se empregados, à exceção de duas mães, que são mães domésticas. As profissões que os pais e mães exerciam integravam-se predominantemente no setor de atividade terciário, à exceção de dois pais que se encontravam no setor de atividade secundário.

3.2.3. Caraterização das crianças

O grupo de crianças participantes na investigação tem idades compreendidas entre os 4/5 e 5/6 anos, formando assim um grupo heterogéneo de 14 crianças.

Quanto ao agregado familiar das crianças, este é constituído, na maior parte, pelos pais e irmãos (quando existem), existindo apenas uma criança em que o agregado inclui os avós maternos.

Das 14 crianças participantes na investigação, seis tinham um irmão, uma tinha dois irmãos com idade inferior à sua - três desses irmãos frequentam a Instituição numa outra sala do JI - e as restantes crianças, sete, não possuem irmãos.

4. Fases da investigação: técnicas e instrumentos de recolha de dados

Perante uma variedade de procedimentos e técnicas de recolha de dados, a seleção encontra-se relacionada com as fases da investigação e os objetivos que se propôs alcançar em cada uma das fases.

Os instrumentos de recolha de dados são uma ferramenta que permite recolher informação, mas é importante que se selecione os mais apropriados para a investigação em questão (Bell, 2004).

Sousa (2005) defende que se deve, sempre que possível, utilizar “mais do que um método ou técnica, de modo cruzado ou paralelo, para que se um falhar, a investigação não fique irremediavelmente inviabilizada” (p. 84).

O seguinte quadro (quadro 2) sintetiza os procedimentos, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados adotados em cada uma das fases de investigação.

Quadro 2

Procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados segundo as fases de investigação e a sua calendarização.

Calendarização	Fases de Investigação	Técnicas e instrumentos de recolha de dados
- De 6 a 17 de outubro de 2014.	Fase I: Diagnóstico das conceções dos participantes sobre o envolvimento parental o JI.	- Observação participante; - Inquérito por questionário (pais); - Entrevista (educadora de infância).
- 19 de setembro de 2014. - De 3 a 24 de novembro 2014.	Fase II: Planificação, implementação e avaliação de propostas educativas promotoras do envolvimento parental no JI.	- Observação participante; - Análise documental.

Passamos, seguidamente, à descrição de todos os instrumentos e técnicas de recolha de dados adotados ao longo da investigação.

4.1. Observação participante

A observação participante é uma prática imprescindível na formação de docentes (Moreira, 2001), permite que se tome “conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem” (Máximo-Esteves, 2008, p. 87).

Ao longo da presente investigação recorreremos diariamente a esta técnica, para o registo das interações entre os pais e as crianças durante as visitas dos pais ao JI. As visitas ocorreram durante a fase II da investigação com a implementação de sete atividades promotoras do envolvimento parental no JI.

As observações realizadas foram registadas através de notas de campo e registos fotográficos. Tivemos em atenção que o registo de uma observação deve ser o mais objetivo possível, de forma a permitir, mais tarde, uma melhor análise e interpretação dos dados recolhidos (Bell, 2004).

As notas de campo são consideradas por Bogdan e Biklen (1994) como o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa” (p. 150). Recorreremos ao bloco de notas para efetuarmos o registo. No final do dia, os registos eram (re)lidos e organizados de forma a obtermos uma reflexão detalhada dos acontecimentos.

A máquina fotográfica foi também um recurso utilizado ao longo da investigação para registo das observações. Segundo Bogdan e Biklen (1994), através dos registos fotográficos é possível recolher informação acerca do comportamento dos sujeitos e das suas interações. Os mesmos autores referem, como uma qualidade deste instrumento, este ser um meio que (re)lembra e permite estudar detalhes que podiam ter sido perdidos se não existisse uma registo fotográfico para os refletir.

4.2. Análise documental

Segundo Bell (1993) com a análise documental pretende-se recolher informações úteis para a problemática em estudo, complementando a informação recolhida através de outros métodos.

A análise documental assume, na presente investigação, uma função de complementaridade de recolha de dados com a técnica de observação participante. Procedeu-se à análise de: (i) documentos oficiais da instituição educativa, construídos no ano letivo 2014/2015, nomeadamente: o regulamento interno da instituição, o plano anual de atividades e as fichas de identificação pessoal das crianças; (ii) planificações das propostas educativas (apêndice IV) e as reflexões (apêndice V) da PPIII.

4.3. Entrevista

As entrevistas podem ser estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas (Picanço, 2012).

Nas investigações de natureza qualitativa é comum a utilização de entrevistas semiestruturadas que permitem ao investigador seguir um guião de entrevista estruturado, colocando questões claras e diretas, tendo os entrevistados a liberdade para

responderem abertamente sobre o tema, podendo existir um improvisado de questões se se justificar (Máximo-Esteves, 2008).

Para a presente investigação foi utilizada uma entrevista semiestrutura à educadora de infância, na fase I da investigação, com o objetivo de conhecer as conceções da educadora de infância sobre o envolvimento dos pais/EE no JI.

A entrevistada foi informada da garantia do anonimato e elucidada que os dados serviriam apenas para a investigação e que a gravação de áudio apenas serviria para a transcrição da entrevista.

Quanto à estrutura e organização, o guião da entrevista à educadora de infância (apêndice I) compõe-se por quatro blocos, organizados num total de oito questões abertas:

Bloco I – legitimação e apresentação da entrevista;

Bloco II – identificação da educadora de infância;

Bloco III – conceções da educadora de infância sobre o envolvimento dos pais no JI;

Bloco IV – finalização da entrevista.

O guião da entrevista foi validado internamente pela orientadora de investigação e externamente por duas mestrandas por curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, uma vez perceptível, não houve alterações.

4.4. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é um “instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo” (Deshaies, 1992, p. 55). São colocadas questões que compreendem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre o investigador e os inquiridos (Deshaies, 1992).

Durante a investigação foi realizado um inquérito por questionário aos pais participantes na investigação (apêndice III).

O objetivo da elaboração do inquérito por questionário, usado nesta investigação, incidiu na tentativa de compreender: (i) a relação que os pais têm com o JI; (ii) que relação mantêm os pais/EE com a educadora de infância; e, (iii) qual é a participação dos pais/EE no JI e de que forma a concretizam.

No início do inquérito por questionário poderá encontrar-se uma breve apresentação, contextualizando a investigação e a garantia de anonimato dos inquiridos.

O inquérito por questionário está dividido em duas partes: na parte A, pretende-se caracterizar os inquiridos; na parte B, pretende-se conhecer a opinião dos inquiridos acerca da relação entre o JI e os pais/EE. No total, o inquérito por questionário, é

constituído por 16 questões, seis são de resposta aberta e as restantes de resposta fechada, na sua maioria, com uma lista de opções.

Sendo o inquérito por questionário um instrumento de recolha de informação, as respostas são dadas na ausência do investigador, por isso é necessário um processo de validação. Segundo Ghiglione e Matalon (2005) deve-se verificar se cada uma das perguntas é compreensível, útil, adequada e se se encontra corretamente formulada, e, ainda, se o questionário tem um tamanho aceitável, se as questões não se repetem e se estão ordenadas de forma pertinente. O questionário foi validado por três pais/EE de crianças em idade pré-escolar, não ocorrendo sugestões de alteração e mantendo-se a versão do questionário.

4.5. Tratamento da informação recolhida

O tratamento da informação recolhida foi respeitando os dados obtidos de cada fonte de recolha de dados. Assim, deu-se primazia a uma análise descritiva dos resultados obtidos, embora esta seja acompanhada por uma análise estatística necessária a uma maior compreensão dos resultados obtidos.

Durante o tratamento e análise da informação, a importância de triangular os diferentes dados recolhidos emergiu, sendo que os resultados obtidos resultam da triangulação de toda a informação, comparando e relacionando os dados entre si para a obtenção de uma melhor compreensão da investigação. Constituí uma estratégia capaz de acrescentar à presente investigação a credibilidade e consciência necessárias (Alves, 2002; Carmo & Ferreira, 1998).

4.6. Questões éticas

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 75) “nada pode ser mais devastador para um profissional do que ser acusado de uma prática pouca ética”. Durante a implementação da nossa investigação, foram tidos em atenção alguns padrões éticos que se encontram intrínsecos aos instrumentos e técnicas utilizadas.

Neste sentido, a participação dos pais/EE e da educadora de infância, nesta investigação, foi de forma voluntária. Os pais/EE e a educadora de infância foram assegurados do anonimato e da confidencialidade dos dados recolhidos.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Este capítulo encontra-se dividido em três subcapítulos: (i) o primeiro subcapítulo centra-se na fase I da investigação, nele podemos encontrar a apresentação e análise dos dados recolhidos ao longo dessa fase; (ii) o segundo subcapítulo é centrado na fase II da investigação, sendo que nele se encontra a apresentação e análise da implementação de propostas educativas; e, (iii) no terceiro e último subcapítulo encontra-se a discussão dos resultados obtidos na fase I e II da investigação, partindo dos tipos de envolvimento Instituição/Família definidos por Epstein (1992, 1995).

1. Fase I – Diagnóstico das concepções dos participantes da investigação sobre o envolvimento parental no Jardim-de-Infância

Apresentamos, de seguida, a análise dos dados recolhidos durante a fase I da investigação através da entrevista à educadora de infância e do inquérito por questionários aplicado aos pais/EE.

1.1. Entrevista à educadora de infância

Foi realizada uma entrevista à educadora de infância (apêndice I e II) participante na presente investigação com o objetivo de conhecer as suas concepções sobre o envolvimento dos pais no JI.

Assim, quando questionada acerca da importância que atribuída à participação dos pais no processo educativo das crianças (questão 4), a educadora salientou a importância dessa participação, justificando que “(...)”⁵ os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos e os principais interessados no seu bem-estar”. No seguimento da questão, a educadora de infância referiu que essa participação só trás vantagens (questão 4.1), nomeadamente “o diálogo entre pais e educadores permite conhecer e acompanhar melhor a criança”, não apresentando qualquer desvantagem (questão 4.2).

Interrogada sobre a forma como promove o envolvimento dos pais no JI (questão 5), a educadora referiu “nas reuniões sugiro a colaboração dos pais no processo educativo dos filhos, é certamente uma proposta alucinante”, apresentando um exemplo concreto para esse envolvimento: “os pais podem fazê-lo cooperando em algumas atividades do JI ou nos seus órgãos representativos e associativos”. Em consequência dessa questão, a educadora referiu que os pais “de uma forma geral, envolvem-se todos, com bastante agrado e interesse” (questão 5.1) e o que os leva a envolver-se (questão 5.2) é o “(...) bem dos seus filhos, para que sintam a sua presença, também, na escola”.

⁵ Os (...) significam que cortamos parte do discurso que aqui não transcrevemos.

Apresentou como única justificação para a não envolvimento dos pais (questão 5.3) a “(...) falta de disponibilidade”.

A educadora de infância mencionou as formas e situações em que os pais participam, quando questionada acerca das mesmas (questão 6): os pais “participam nas festinhas dos filhos e nas atividades da sala”, referindo alguns exemplos “(...) vêm à salinha mostrar a sua profissão ou vamos visitar os seus locais de trabalho, também participam nas visitas de estudo”.

À questão sobre quem toma a iniciativa para a participação (questão 7), a educadora referiu que “geralmente a iniciativa parte do educador, mas uma vez motivados propõe iniciativas interessantes”, partilhando um exemplo (questão 7.1) “(...) fizemos um passeio de barco no Douro, proposto por um pai numa reunião”.

Para finalizar a entrevista, a educadora de infância, acrescentou (questão 8): “A educadora que gostar da sua profissão deve procurar que a aprendizagem seja uma experiência feliz, atrativa e divertida, porque esta etapa pode ser decisiva para o seu desenvolvimento pessoal, afetivo e social. E, também, para o seu futuro sucesso escolar e profissional”.

1.2. Inquérito por questionário aos pais

Para conhecermos as conceções dos pais/EE acerca do envolvimento parental no JI, construímos um inquérito por questionário (apêndice III).

Foram distribuídos 14 inquéritos por questionários, mas apenas foram devolvidos 10 inquéritos por questionários preenchidos.

Analisando a importância atribuída pelos pais/EE à sua participação na vida do JI dos seus filhos/educandos e quando questionados sobre se se deslocam ao JI dos seus filhos (figura 2), a maioria dos inquiridos (90%) refere que sim, o não (10%) corresponde a um inquirido que justifica a sua ausência por motivos profissionais, pois “o local de trabalho é distante e há incompatibilidade de horários”.

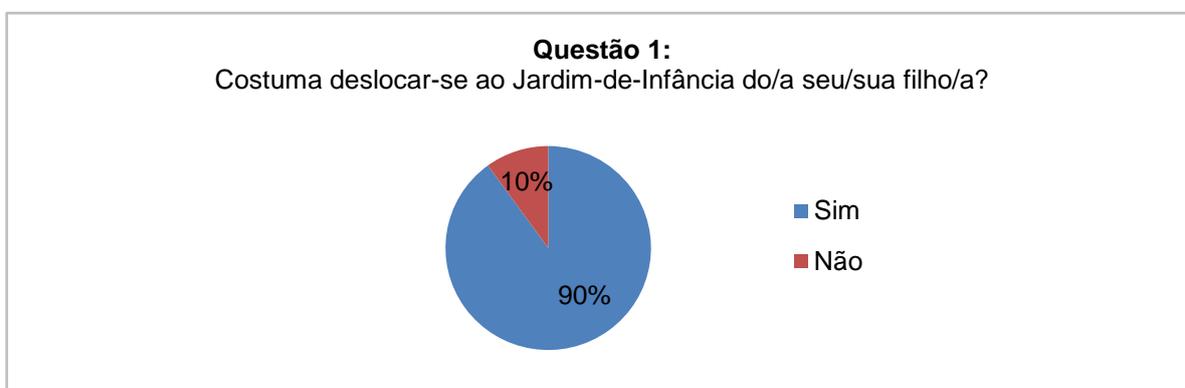


Figura 2. Resultados obtidos inerentes à deslocação ao JI dos respondentes ao inquérito por questionário.

De salientar que a partir deste ponto do inquérito por questionário, por vezes, os inquiridos seleccionaram mais do que uma opção entre as possíveis.

Passemos à análise da periodicidade da deslocação dos inquiridos ao JI dos seus filhos (questão 1.1).

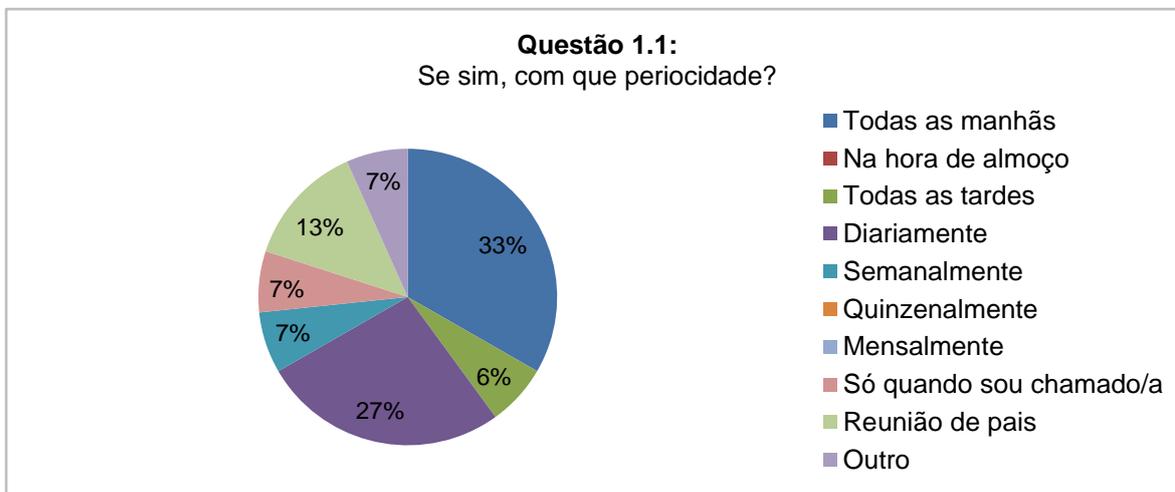


Figura 3. Resultados obtidos inerentes à periodicidade de deslocação ao JI dos respondentes ao inquérito por questionário.

Podemos verificar, quanto à periodicidade com que os respondentes se deslocam ao JI dos seus filhos (figura 3), que a maioria (33%) respondeu todas as manhãs, de salientar que a opção “diariamente” obteve também uma percentagem significativa (27%). Questionados sobre o motivo (questão 1.1.1), verificamos que se deve ao facto de levarem os seus filhos ao JI antes de se deslocarem para o trabalho. No entanto, dois inquiridos realçaram o “acompanhamento das necessidades/atitudes do meu educando” e o “saber se corre tudo bem”. A minoria (6%) refere-se à opção “só quando sou chamado/a” justificando-se (questão 1.1.1) com a “incompatibilidade de horários”.

O gráfico seguinte (figura 4) permite-nos compreender a relação estabelecida entre os pais/EE com a educadora de infância dos seus filhos/educandos.

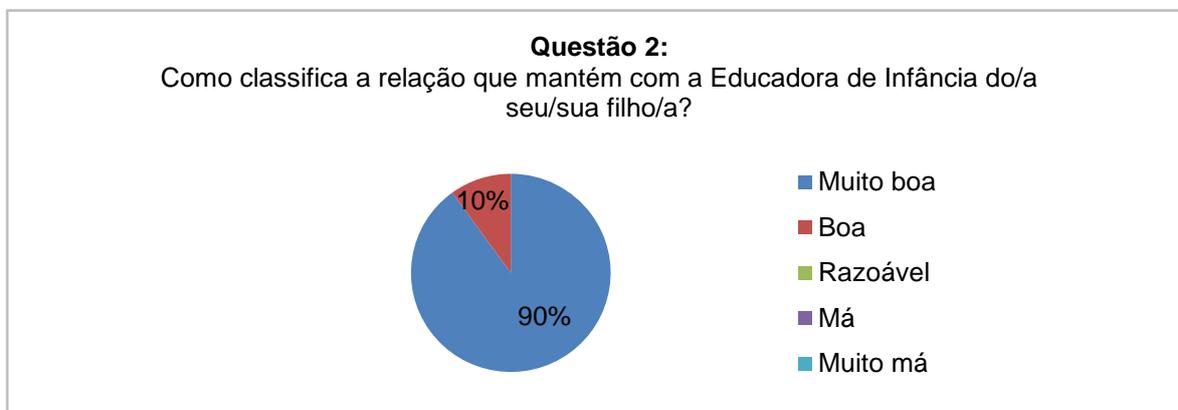


Figura 4. Resultados obtidos inerentes à relação estabelecida com a educadora de infância dos filhos dos respondentes ao inquérito por questionário.

Podemos observar que na sua maioria (90%) dos inquiridos classificaram a sua relação com a educadora de infância como muito boa, sendo que na minoria (10%) classificaram-na como boa.

Quando solicitados para referir um exemplo de uma situação ocorrida entre os mesmos e a educadora de infância (questão 2.1) as respostas variam entre “a necessidade da educadora conhecer a história dos meus filhos”; “a inscrição do meu educando em atividades extracurriculares após o diálogo atento às sugestões da educadora” e a forma como a educadora de infância resolve as situações que preocupam os pais “a minha filha nos primeiros dias reclamava sobre um colega e falei com a educadora e ela resolveu a situação”. Ao analisar as respostas (questão 2.1) podemos salientar que os respondentes consideram a educadora de infância dos seus filhos “um ser humano muito atento às situações e correta para além de ser uma excelente professora” e salientam a “(...) forma carinhosa com que somos recebidos (...)”; o “apoio psicológico” e o “(...) disciplinar com carinho (...)”.

Analisando a próxima questão (questão 3), os inquiridos quando questionados se costumam participar nas iniciativas promovidas pelo JI, responderam na sua totalidade (100%) que sim.

Passaremos à análise de quais as iniciativas em que os inquiridos participam (figura 5).

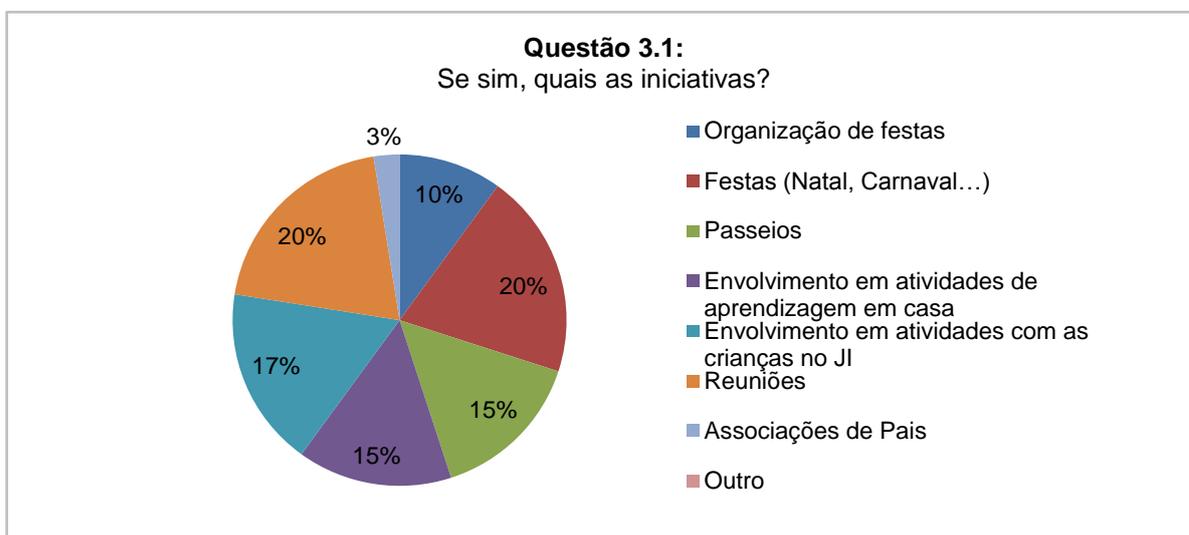


Figura 5. Resultados obtidos inerentes às iniciativas em que participam os respondentes ao inquérito por questionário.

Analisando o gráfico (figura 5) podemos constatar que as iniciativas em que os pais mais participam são nas festas (20%) e as reuniões (20%), na sua minoria (3%) referem a associações de pais. No entanto, como já referido anteriormente, no ano letivo 2014/2015, a instituição não possui associação de pais.

Quando questionados acerca do porquê de participarem (questão 3.1.1) os inquiridos salientaram a importância de “(...) participar em todas as atividades que os nossos filhos estejam envolvidos”; a “(...) proximidade/relação com o filho (...)”; o “(...) contribuir para um bom crescimento do meu educando (...)”; “(...) que os meus filhos sintam que estou sempre presente (...)”; “(...) o desenvolvimento da minha filha é tudo para mim e gosto de fazer parte desse mesmo (...)”. Os restantes realizaram o acompanhamento nas atividades dos filhos.

Na questão seguinte (questão 4), os pais foram questionados sobre o que pensam acerca da participação dos pais/EE nas atividades do JI e, de um modo geral, todos os pais salientaram a importância dessa participação, apresentando diversos motivos, como: (i) “(...) a integração dos pais no meio escolar para conhecimento das atividades desenvolvidas e felicidade dos filhos”; (ii) “(...) é uma forma de participarmos no crescimento dos nossos filhos e é agradável ver a alegria deles no nosso interesse”; (iii) “(...) pela envolvimento, participação e felicidade que provoca nos nossos filhos, por verem que estamos presentes”; (iv) “(...) as atividades unem e criam amizades entre todos os participantes e isso vai-se notar em todas as tarefas que ao longo dos anos vão surgindo”; (v) “(...) aproxima muito os pais, os educadores e os filhos, é enriquecedor para ambos (...)”; (vi) “(...) para os pais conhecerem melhor as atividades dos filhos”.

Passamos à análise da próxima questão (questão 5), no seguinte gráfico (figura 6):

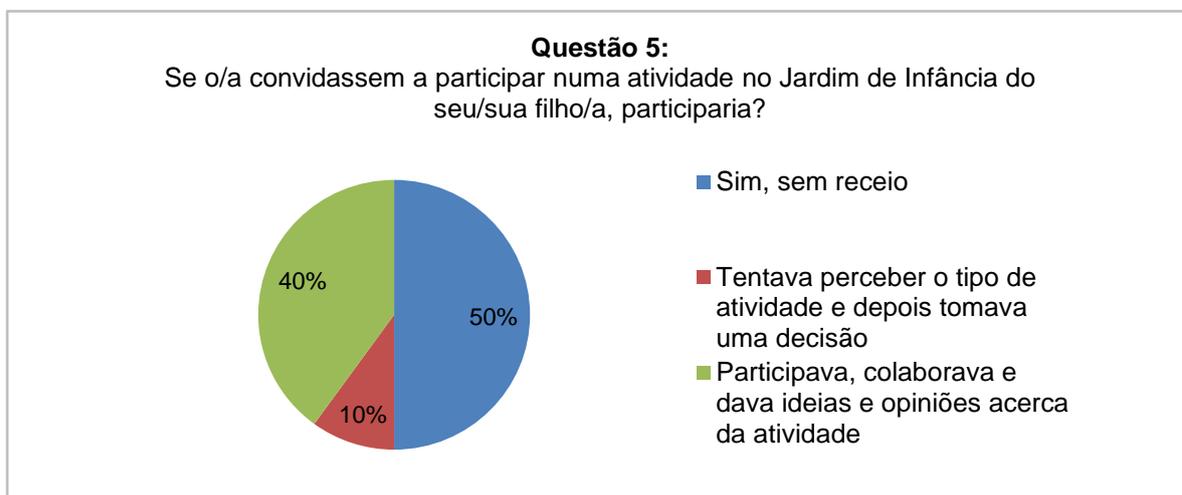


Figura 6. Resultados obtidos inerentes à participação dos respondentes ao inquérito por questionário numa atividade no JI.

Analisando o gráfico (figura 6) podemos concluir que a maioria dos inquiridos (50%) respondeu que participaria nas atividades do JI sem receio, havendo também um valor significativo (40%) na opção “participava, colaborava e dava ideias e opiniões acerca da atividade”. Justificando as suas respostas (questão 5.1), como: (i) “primeiro, as

minhas filhas ficam felizes e, segundo, a escola/professora merecem”; (ii) “(...) tudo o q diz respeito aos meus filhos diz respeito a mim (...)”; (iii) “(...) já o fiz no ano anterior e correu muito bem até foi divertido e proporcionou uma aproximação entre pais e escola”; (iv) “(...) gosto de me integrar com outros pais e com o meio escolar”; (v) “(...) após experiências realizadas e dinamizadas pela educadora, assegurou a confiança que legitima a decisão”; (v) “(...) sempre que pediram a minha participação no colégio eu farei os possíveis e impossíveis para a ajudar e comparecer”.

Podemos verificar que a minoria (10%), correspondente a um inquirido, respondeu que tentariam perceber o tipo de atividade e que depois tomaria uma decisão, justificando-se (questão 5.1): “por escassez de tempo livre, teria que saber antecipadamente o tipo e horário das atividades”.

Na próxima, e última questão do inquérito por questionário, os pais tiveram a oportunidade de deixar alguma informação sobre a relação JI – pais/EE que não tinha sido referida durante o inquérito por questionário e que achassem relevante. Do total de inquiridos, seis não responderam, os restantes acrescentaram aspetos positivos acerca da educadora de infância e da instituição educativa, nomeadamente: (i) “um dos aspetos que considero e realço neste Jardim-de-Infância é a relação estreita entre a educadora e os pais”; (ii) “o profissionalismo, rigor e carinho demonstrados incrementam a relação família-escola”; (iii) a instituição “é um espaço aberto aos pais e às suas preocupações, zela-se pelo bem-estar das crianças e pela sua satisfação”; (iv) “o mundo da escola só se torna perfeito se nele também fizer parte a sua família”.

2. Fase II – Planificação, implementação e avaliação de propostas educativas

Apresentamos, de seguida, a atividades realizadas para promover o envolvimento parental no JI. No total, desenvolveram-se sete atividades de envolvimento parental.

Torna-se fulcral, para a presente investigação, referir que as atividades de envolvimento parental realizadas no JI foram planificadas colaborativamente entre a investigadora, a educadora de infância e os pais participantes nesta investigação.

As atividades desenvolvidas obedeceram à seguinte calendarização (quadro 3):

Quadro 3

Calendarização das atividades promotoras do envolvimento parental no JI.

Atividades	Data
1. ^a Atividade: Reunião de pais.	19 de setembro de 2014
2. ^a Atividade: A minha família.	de 01 a 31 de outubro de 2014

3.ª Atividade: A cabeleireira veio à nossa sala.	03 de novembro de 2014
4.ª Atividade: A psicóloga veio à nossa sala.	04 de novembro de 2014
5.ª Atividade: Vamos brincar aos cozinheiros.	10 de novembro de 2014
6.ª Atividade: Vamos brincar com plasticina.	18 de novembro de 2014
7.ª Atividade: Vamos de visita à fábrica.	21 de novembro de 2014

1.ª Atividade: Reunião de Pais

A primeira atividade centrou-se na reunião de pais de início de ano letivo 2014/2015.

A atividade tinha como objetivo primordial motivar os pais/EE para o seu envolvimento nas atividades desenvolvidas no JI e sensibilizá-los para a importância desse envolvimento no processo educativo dos seus filhos/educandos.

A reunião foi realizada numa sala da instituição educativa, no entanto, a ideia inicial era realizar a atividade na sala de atividades do grupo de crianças participantes nesta investigação. Dada a impossibilidade, as mesas e cadeiras foram organizadas em forma de círculo (figura 7). O objetivo passava por fazer entender aos pais/EE que todos têm um papel importante na educação das crianças,



Figura 7. Reunião de Pais

nomeadamente que o papel do educador de infância e o papel dos pais/EE complementam-se. Para isso é necessário uma boa comunicação de ambas as partes, sentados em círculo, os pais/EE, educadora de infância e investigadora, podiam observar-se, ouvir-se e ver-se melhor, quebrando, assim, o registo formal existente numa reunião de pais de que estavam habituados.

Foi sugerido aos pais/EE a realização de um puzzle. Inicialmente, foram colocadas as peças de puzzle em cima da mesa e proposto que retirassem uma peça (as peças estavam em branco). Numa fase posterior, foi sugerido que os pais/EE ilustrassem, nas peças, o seu filho/educando (figura 8). Terminada a ilustração, cada pai/EE apresentou o seu filho/educando ao restante grupo revelando algumas das suas características:



Figura 8. Ilustração do puzzle

- “Este é o Rui⁶. É uma criança afável e muito amigo do seu amigo.”
- “Esta é a Maria, tem cinco anos e é uma menina muito vaidosa e meiga. É a mais linda de todas... é minha!”
- “Este é o Pedro. É bem mais bonito que este desenho... Tem 4 anos e é um doce.”

Todas as ilustrações apresentadas, em conjunto, pais/EE, educadora de infância e investigadora procederam à construção do puzzle. O puzzle foi emoldurado (figura 9) para afixar na sala de atividades do grupo de crianças participante nesta investigação.

Em modo de conclusão da atividade da reunião de pais, dialogou-se com os pais/EE acerca da importância da sua participação/colaboração/envolvimento no processo educativo dos seus filhos/educandos.



Figura 9. Puzzle emoldurado

Terminada a atividade pudemos refletir que todos os pais/EE participaram ativamente na atividade proposta, mostrando-se motivados a participar em atividades de envolvimento parental no JI dos seus filhos/educandos.

Dos 14 pais/EE convocados para a reunião de pais de início do ano letivo 2014/2015, apenas participaram 12. No entanto, os pais/EE não participantes justificaram a sua ausência à Educadora de infância, nomeando motivos profissionais e familiares.

Achamos relevante salientar a reação das crianças ao analisarem o puzzle na sala de atividades. Assim que as crianças tiveram contato com os desenhos realizados pelos pais/EE, no puzzle, mostraram-se divertidas e curiosas. A educadora de infância e a investigadora procederam à explicação do objetivo da atividade realizada com os pais, deixando as crianças entusiasmadas. Foi possível proceder ao registo de algumas interações entre uma criança e a educadora de infância:

- “A mamã e o papá vêm aqui brincar comigo?” (criança)
- “Tu gostavas que eles viessem brincar contigo?” (educadora)
- “Sim.” (criança)
- “E com as outras crianças?” (educadora)
- “A mamã brinca comigo e com os outros meninos.” (criança)

⁶ Serão utilizados nomes fictícios.

2.ª Atividade: A minha família

A segunda atividade desenvolveu-se ao longo de um mês, estruturada em três momentos. O objetivo desta atividade era envolver os pais numa atividade do JI a desenvolver em casa com as crianças.

O primeiro momento centrou-se no “Livro da Família”, do autor Todd Parr. As crianças, à vez, levavam para casa o livro que deveria ser lido pelos pais/EE. Com as crianças, na sala de atividade, foi-se desenvolvendo um recado (figura 10) para levarem juntamente com o livro para casa. As crianças ilustraram o pedido aos pais para a leitura do livro, a educadora e a investigadora escreviam-no.

As crianças mostraram-se ansiosas com a atividade e chegavam ao JI empolgados para resumir a história do livro. Foi-nos possível proceder a alguns registos, de que é exemplo: “A mamã contou-me a história à noite e eu gostei muito... Falava de pessoas baixas e bonitas e algumas sujas...”.

O segundo momento, como forma de continuação ao tema do livro, era a construção do quadro da família (Figura 11), com as mãos de todo o agregado familiar das crianças do grupo, construído em casa. Na sala de atividades, as crianças davam continuidade à atividade, procedendo à pintura do mesmo. Procedemos a alguns registos, de que é exemplo: “Posso pintar a mão da mamã a vermelho? Ela tem um vestido vermelho e fica mesmo bonita com ele”.

O terceiro momento, recolhidos todos os quadros da família, focou-se na construção de uma árvore da família (figura 12), com as mãos do agregado familiar de cada criança, para afixar à porta da sala de atividades. Assim, os pais podiam ver a continuação do seu trabalho realizado com as crianças em casa. Tivemos a oportunidade de observar a reação dos pais ao observarem o resultado final das atividades em que estiveram envolvidos e a motivação das crianças ao explicarem-lhes do que se tratava aquela árvore, de que é exemplo:

- “Filho, o que é isto? São as nossas mãos?”
- São mamã. A tua é a vermelha e a do papá é azul.



Figura 10. Ilustração do recado para os pais.



Figura 11. Quadro da família.



Figura 12. Árvore da família.

- Porque é que a minha é vermelha?
- Porque tu tens um vestido vermelho que ficas muito bonita.”

Terminada a atividade, concluímos que, dos 14 pais/EE, participaram 12.

3.ª Atividade: A cabeleireira veio à nossa sala

A terceira atividade consistiu na ida de uma mãe cabeleireira ao JI. A atividade foi planificada colaborativamente entre a mãe participante nesta atividade, a educadora de infância e a investigadora.

A atividade foi desenvolvida na sala de atividades do grupo de crianças participantes nesta investigação.

A mãe fez-se acompanhar de todos os materiais e utensílios que uma cabeleireira deve ter num salão de cabeleireira (secador, espuma, pente...). Apresentou-se e deu a conhecer às crianças todo o material (figura 13).

Questionou-os acerca dos penteados que gostariam de fazer:

- “Eu quero uma crista.” (criança)

- “Não sei se conseguirei fazer-te uma crista porque tens o cabelo muito grande, mas vou tentar.” (mãe participante)

A mãe procedeu à elaboração de penteados em todas as crianças (figura 14). E, no final dos penteados, questionou as crianças do género feminino: “Agora que já fiz todos os penteados... As meninas querem pintar as unhas? Tenho aqui vernizes.”.

Terminada atividade a mãe salientou: “Gostei muito de estar aqui com vocês... Portaram-se muito bem e, por isso, tenho aqui uma surpresa para comerem no fim do almoço”, entregando bombons à educadora de infância.

No final da atividade de envolvimento parental no JI, podemos refletir que a mãe mostrou-se à vontade durante toda a atividade comunicando sempre com todas as crianças presentes na sala de atividades. As crianças, mostraram-se entusiasmadas com a atividade, principalmente quando já tinham o seu penteado.

A filha manteve-se entusiasmada, segundo a mãe: “Ela esteve ansiosa o tempo todo. Estava sempre a perguntar-me quando era o dia que eu vinha... por isso acho que gostou muito. Aliás, ela nem gosta que eu lhe faça penteados, mas hoje pediu para fazer, por ver-me a fazer a outras crianças.”.



Figura 13. A mãe cabeleireira veio à nossa sala.



Figura 14. A mãe cabeleireira faz penteados às crianças.

Ao despedir-se salientou: “Gostei muito da experiência. Sempre que quiserem e precisarem estarei disponível”.

4.ª Atividade: A psicóloga veio à nossa sala

A quarta atividade foi organizada por uma mãe psicóloga. A planificação da atividade foi realizada em colaboração entre a mãe participante, a educadora de infância e a investigadora.

A atividade realizou-se na sala de atividades do grupo de crianças participante nesta investigação. A mãe psicóloga fez-se acompanhar de todos os materiais que iria precisar ao longo da atividade. A sala de atividades foi organizada pela mãe participante em função dos seus objetivos (figura 15).



Figura 15. A mãe psicóloga veio à nossa sala.

A mãe psicóloga entrou na sala de atividade com um sorriso e a cumprimentar todas as crianças: “Olá, olá meninos e meninas!”. As crianças retribuíram o cumprimento e, posteriormente foram questionadas pela mãe psicóloga acerca do nome e da idade, todas as crianças tiveram a oportunidade de responder.

Iniciou-se um diálogo acerca da profissão da mãe participante, esta explicou a função da sua profissão adequando o vocabulário à idade das crianças: “Sabem o que faz uma psicóloga? Ajuda as pessoas que têm problemas a resolvê-los dentro da sua cabeça”. A mãe teve o cuidado de responder as todas as dúvidas que surgiram.

As crianças deitaram-se na manta (figura 16) a pedido da mãe e foi solicitado que se movimentassem. A mãe, entretanto, pediu para pararem e questionou as crianças: “O que sentiram?”. Todas as crianças quiseram responder e existindo diversas respostas: “Eu estava a nadar e a seguir umas ondas e depois segurei-me numa rocha.”; “Eu estava a seguir a Maria e sentia o meu coração a bater.”; “Eu estava no meio do mar.”... Tiveram todas a oportunidade de falar.



Figura 16. Crianças na manta.

Numa fase posterior, a mãe afirmou: “Agora vamos brincar!”. Todas as crianças ficaram entusiasmadas e curiosas com o que iria acontecer.

A psicóloga retirou da caixa, da qual se fez acompanhar, dois bonecos: “Estes dois bonecos andam sempre, sempre, pegados [chateados]... E a mãe está farta de os avisar. Quem é que poderá conversar com eles?”. Várias crianças do grupo referiram que

seria a psicóloga. Voltaram a ser questionados: “Que estariam eles a sentir?”. As crianças referiram que eles estariam tristes porque: “Eles têm que ser amigos!”.

A mãe foi atirando brinquedos para o centro da manta para que as crianças brincassem e os partilhassem.

Para terminar a atividade, a mãe colocou uma música para que todos dançassem. No final da dança, a mãe psicóloga foi brindada por um abraço em grupo (figura 17).

No fim referiu: “Eu gostei muito de estar aqui com vocês! Sinto-me feliz. Ou como vocês dizem: Muita fixe!”.

Podemos refletir, no fim desta atividade, que todas as crianças participaram e divertiram-se, à exceção do filho da mãe, psicóloga. Em conversa informal com a mãe, a mesma referiu: “Todos se envolveram na atividade, à exceção do meu filho... Para ele é complicado partilhar a mãe dele com outras crianças. Eu estava aqui como psicóloga e na cabeça dele eu serei sempre a mãe dele, só”.



Figura 17. A mãe é brindada com um abraço em grupo.

5.ª Atividade: Vamos brincar aos cozinheiros

A quinta atividade realizou-se por uma mãe doméstica. É de salientar, que a atividade foi planificada colaborativamente entre a mãe participante, a educadora de infância e a investigadora.

A atividade foi realizada na sala de atividades do grupo de crianças participante na investigação e centrou-se na confeção de *cupcakes*. A mãe fez-se acompanhar de todos os utensílios necessários para a sua confeção (figura 18).



Figura 18. A mãe confeciona um bolo.

A mãe apresentou-se às crianças e explicou-lhes o que iria fazer “hoje, venho aqui fazer bolinhos”, acrescentando a primeira regra que se deve ter ao confeccionar um bolo: “primeiro temos que lavar muito bem as mãos”.

Durante a confeção dos bolinhos, a mãe teve o cuidado de explicar e mostrar todos os passos às crianças. Estas participaram na contagem dos ingredientes (medidos numa tigela). A certa altura da atividade a mãe referiu: “agora vou mexer tudo com muito cuidado e, depois, vou precisar da vossa ajudar para mexer”. Tendo a possibilidade de participar na confeção do bolo, todas as crianças quiseram participar, mostrando-se entusiasmadas (figura 19).

Terminada a confeção do bolo, a mãe questionou as crianças: “agora que terminamos o que temos que fazer?”. Obtendo uma resposta em coro: “pôr no forno”.

Terminada a atividade refletimos que as crianças sentem-se motivadas quando têm um papel ativo na atividade, no entanto, grande parte da atividade era de observação e foi difícil manter as crianças sentadas durante toda a atividade. A mãe, no início da atividade, estava um pouco retraída, no entanto com o decorrer da atividade mostrou-se mais à vontade. No final referiu: “Gostei muito de cá estar.”.



Figura 19. As crianças participam na confeção do bolo.

6.ª Atividade: Vamos brincar com plasticina

A sexta atividade, assim como a quinta atividade, foi realizada por uma mãe doméstica. Assim como nas restantes atividades, a planificação foi realizada colaborativamente entre a mãe participante, a educadora de infância e a investigadora.

A atividade foi realizada na sala de atividades do grupo de crianças participante na investigação e centrou-se na leitura e interpretação de uma história para a introdução da construção de animais em plasticina.



Figura 20. As crianças ouvem uma história.

É de salientar que a mãe participante inventou a história e criou as personagens em plasticina (figura 20), o que deixou as crianças curiosas: “Posso tocar?”; “Isso é plasticina?”; “Eu também quero mexer.”.

Terminada a história, já perto da hora do lanche, a mãe sugeriu que fizessem uma pausa: “Já está perto da hora do lanche e eu trouxe-vos um bolinho, vamos lanchar?”.

A atividade continuou, após o lanche, com uma sugestão da mãe: “Querem brincar com plasticina?”, obtendo uma resposta positiva e cheia de entusiasmo: “Vamos fazer ratinhos?”; “Eu quero fazer uma joaninha.”... A mãe auxiliou todas as crianças com a plasticina (figura 21).



Figura 21. Crianças brincam com plasticina.

As crianças no final puderam levar as suas construções em plasticina para casa, o que as deixou felizes por terem a oportunidade de mostrar aos seus pais o seu trabalho.

A mãe mostrou-se desde o início à vontade com as crianças. Despediu-se,

referindo que: “Sempre que quiserem eu estarei disponível para participar. Fiquei muito feliz com esta iniciativa.”.

7.ª Atividade: Vamos de visita à fábrica

A sétima e última atividade de envolvimento parental da presente investigação centrou-se numa visita a um local de trabalho de uma mãe participante: uma fábrica de construção de mesas. Assim, como todas as atividades de envolvimento parental no JI, a planificação da atividade foi realizada em colaboração com a mãe participante, a educadora de infância e a investigadora.

A deslocação para o local da atividade – fábrica – foi feita pela carrinha da instituição educativa. Assim que chegamos à fábrica a mãe deu a conhecer a todas as crianças uma surpresa que tinha preparado: “Antes de iniciarmos a visita... Preparei-vos um lanchinho.”. As crianças lancharam (figura 22) e, antes de iniciar a visita, a mãe alertou-as: “Vocês vão ouvir muito barulho, mas não precisam de ter medo... São as máquinas a trabalhar. Só peço para não mexerem em nada, para não se magoarem.”. E, assim se iniciou a visita guiada à fábrica (figura 23).



Figura 22. Crianças lancham.

Durante a visita, a mãe participante ia explicando a funcionalidade de cada máquina que as crianças observavam com curiosidade: “Esta máquina é uma empilhadora e serve para colocarmos a madeira em sítios altos.”; “Isto são folhas de madeira, parecidas com as folhas de papel em que vocês fazem desenhos. Podem tocar.”; “Esta é uma máquina de construir esculturas.”... As crianças iam questionando a mãe acerca das dúvidas que iam surgindo, a mãe teve o cuidado de responder a todas as questões, embora com barulho, a mãe tentava que as respostas chegassem a todas as crianças.



Figura 23. Crianças visitam a fábrica

Terminada a visita, deslocamo-nos para o escritório, local onde a mãe realiza o seu trabalho e desempenha as suas funções: “Aqui é onde eu trabalho, recebo os clientes, os fornecedores... E trabalho sempre no computador.”. Posteriormente, as crianças foram surpreendidas com um presente: “Lembram-se daquela máquina que fazia esculturas? Fiz-vos o símbolo da vossa escola para poderem pintar e afixar na vossa salinha.”. Todas as crianças apreciaram a escultura com entusiasmo. Mas, a mãe

voltou a surpreendê-los: “Tenho aqui outra surpresa.”; distribuindo guloseimas por todas as crianças (figura 24).

Para terminar a mãe concluiu: “Gostei muito de vos ter cá. A minha filha teve a oportunidade de mostrar a fábrica aos seus amiguinhos.”.

Refletimos, no final da atividade, que a mãe teve o cuidado de explicar todas as funcionalidades das máquinas que as crianças iam observando e tentou sempre responder às dúvidas surgidas ao longo da visita. As crianças mostraram-se sempre curiosas e entusiasmadas com tudo o que observavam.



Figura 24. A mãe distribui guloseimas às crianças.

3. Análise dos dados recolhidos: tipos de envolvimento

Partindo do pressuposto desta investigação – *O Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância* – a discussão dos resultados obtidos durante as fases de investigação (fase I e fase II) centra-se nos tipos de envolvimento Instituição/Família definidos por Epstein (1992, 1995) (ver ponto 3.1, parte I, capítulo I).

Analisando os tipos de envolvimento definidos por Epstein (1992, 1995), e os diferentes olhares da educadora de infância e dos pais/EE acerca do envolvimento parental no JI, parece ser evidente que os resultados obtidos quanto às conceções da educadora de infância e dos pais/EE relativos ao envolvimento parental no JI seguem uma orientação semelhante, sendo que na sua maioria identifica o tipo de colaboração Instituição/Família do tipo 3 – *volunteering* (envolvimento na instituição).

Quando analisados os resultados obtidos através da entrevista à educadora de infância e dos inquéritos por questionário aos pais/EE podemos extrair dados que caracterizam esse tipo de envolvimento: “Participam nas festinhas dos filhos e nas atividades da sala. Por exemplo: os pais vêm à salinha mostrar a sua profissão ou vamos visitar os seus locais de trabalho, também participam nas visitas de estudo.” (entrevista à educadora de infância). Nos inquéritos por questionário, os pais/EE, quando questionados acerca das iniciativas em que participam, na sua maioria selecionaram opções de envolvimento do tipo 3 (de que são exemplo: a organização de festas, as festas, os passeios, o envolvimento em atividades com as crianças no JI).

Analisando o Plano Anual de Atividades do ano letivo 2014/2015, podemos verificar que a instituição possibilita o envolvimento parental no JI a este nível (tipo 3 - *volunteering*), de que são exemplo: “Jantar de Natal – convidar pais; Dia do Pai – Eucaristia seguida de convívio com os pais; Feirinha da Primavera – convidar pais; Dia

da Mãe – convívio com as mães; Dia da Família – Visita de estudo com as famílias; Festa final de ano letivo – convidar pais (...).”

Analisando mais pormenorizadamente os resultados obtidos acerca do envolvimento parental no JI, relativos ao olhar da educadora de infância e dos pais, podemos verificar também que estes revelam outros tipos de colaboração.

As conceções da educadora de infância quanto ao envolvimento parental revela também a existência: (i) do tipo 2 – *Communicating* (obrigações básicas das instituições) – dado que os resultados obtidos mostram que a educadora atribui importância ao diálogo com os pais, pois “(...) permite conhecer e acompanhar melhor a criança”; e, (ii) do tipo 5 – *Decision making* (participação na tomada de decisões) – uma vez que a educadora refere que “(...) os pais podem fazê-lo cooperando em algumas atividades do JI ou nos seus órgãos representativos”. Relativamente às conceções dos pais, observamos também a existência (i) do tipo 4 – *Learning at home* (envolvimento em atividades de aprendizagem em casa) – uma vez que no inquérito por questionário (questão 3.1) selecionaram a opção envolvimento em atividades de aprendizagem em casa; e, (ii) o tipo 5 – *Decision making* (participação na tomada de decisões) – sendo que um pai selecionou a associação de pais.

Como já referido, no ano letivo 2014/2015, na instituição educativa não possui órgãos representativos dos pais (associação de pais), não sendo possível o envolvimento destes no tipo 5 – *Decision making* (participação na tomada de decisões).

A par da compreensão dos diferentes olhares aqui apresentados, e como referimos anteriormente, foram também implementadas um conjunto de propostas educativas potenciadoras do envolvimento parental (quadro 3). Analisando as propostas educativas segundo a tipologia de Epstein (1992, 1995) podemos afirmar que todas as propostas implementadas vão ao encontro do tipo 3 – *volunteering* (envolvimento na instituição). Acreditamos que existem vários fatores que possam justificar a obtenção destes resultados, nomeadamente o facto de: (i) as propostas educativas terem sido realizadas em colaboração entre a investigadora, a educadora de infância e os pais; (ii) ter sido dada a oportunidade aos pais, na reunião de pais com a educadora de infância, de sugerirem atividades de envolvimento no JI que fossem ao encontro do tema das profissões (por exemplo: visitas ao local de trabalho dos pais), dado que era o que estava a ser trabalhado com as crianças; e (iii) o atraso da devolução dos inquéritos por questionários dos pais, que impossibilitou uma análise precoce dos tipos de envolvimento parental no JI, de forma a sugerir propostas de outro tipo de envolvimento. Apesar dos vários fatores apresentados, acreditamos que o que teve mais peso relaciona-se com a natureza colaborativa da construção das propostas. As propostas educativas implementadas foram construídas colaborativamente com a educadora de infância, a

investigadora e os pais/EE participantes na investigação, tendo estes um papel bastante ativo na seleção das propostas implementadas. Assim, e como as suas conceções de envolvimento parental se centram no tipo 3 (tipo de envolvimento mais frequente, segundo as conceções da educadora de infância e dos pais durante a fase I da investigação), as propostas por eles selecionadas correspondem às conceções por si construídas, sendo, também elas, maioritariamente de tipo 3 – *volunteering* (envolvimento na instituição).

Quanto às vantagens do envolvimento parental no JI, a análise aos resultados obtidos permite obter dados que evidenciam que as conceções da educadora de infância e dos pais coincidem, salientando a importância para: (i) a participação dos pais no processo educativo das crianças por serem os primeiros responsáveis pela sua educação; (ii) um maior conhecimento do trabalho desenvolvido com as crianças; (iii) o sentimento por parte das crianças de uma maior presença dos pais nas suas experiências educativas. Estas ideias parecem corroborar com o que Brickman e Taylor (1991) referem, no sentido em que: (i) os pais são os primeiros educadores e os primeiros adultos a desempenhar um papel essencial no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças; e (ii) que este envolvimento ajuda a conhecer as atividades que são desenvolvidas pelas crianças na instituição educativa.

As vantagens do envolvimento parental nas instituições educativas são referidas em vários estudos por diversos autores (Carvalho, 2008; Davies, 1989; Epstein, 1992) e vão mais além das vantagens referidas pelos participantes na investigação. A principal razão para este envolvimento é a criança (Davies, 1989), e os benefícios passam pelo desenvolvimento de competências e a aquisição do sucesso educativo das crianças (Davies, 1989; Epstein, 1992; Leal, 2011). No entanto, este envolvimento traz também benefícios/vantagens para os adultos envolvidos (pais, educadores, instituição e comunidade).

Analisados os benefícios/vantagens defendidos por outros autores, verificamos que as conceções da educadora de infância e dos pais identificam um benefício não referido no enquadramento teórico, nomeadamente o sentimento por parte das crianças de uma maior presença dos pais nas experiências educativas.

Quanto aos obstáculos do envolvimento parental no JI a análise permite evidenciar semelhanças entre os olhares dos pais e da educadora de infância, nomeadamente na falta de tempo/disponibilidade por motivos profissionais, sendo que esta é uma das barreiras identificada por Matos (1994).

Terminada a investigação, e cruzando várias leituras quer dos resultados obtidos, quer da revisão de literatura efetuada, podemos refletir acerca dos princípios

orientadores, que se deve ter em atenção ao potenciar o envolvimento parental no processo educativo das crianças, designadamente:

(i) Importância de diversificar as atividades desenvolvidas, tendo em atenção todos os tipos de envolvimento Instituição/Família, sendo que cada tipo de envolvimento está associado a diferentes práticas e todos eles apresentam desafios para os docentes e para as famílias na procura da (re)definição do que é trabalhar em colaboração (Epstein, 1992, 1995).

(ii) Pertinência da supervisão do trabalho desenvolvido. Segundo Alarcão e Roldão (2008), a supervisão, na sua essência, tem a função de apoiar e regular o processo formativo. Sendo que a supervisão é “o processo em que o professor, em princípio, mais experiente e mais informado, orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (Alarcão & Tavares, 2003, p. 16). Assim, tendo em atenção a problemática da investigação, torna-se importante a supervisão por um perito/elemento com conhecimento específico na área do envolvimento parental, fazendo com que as propostas educativas a implementar neste sentido não fiquem apenas ao nível de envolvimento das conceções dos intervenientes, mas permitam alcançar níveis superiores de envolvimento.

(iii) Relevância do papel da reflexão. Segundo Freire (1991) não se começa a ser educador de um dia para o outro, ninguém nasce educador, é necessário um crescimento permanentemente, durante a prática e a reflexão sobre a prática. A melhor forma de pensar é através da reflexão, uma vez que o pensamento reflexivo permite que uma situação se torne mais clara através de uma sequência ordenada de ideias (Dewey, 1910; citado por Alarcão, 1996). Para esta investigação torna-se importante o papel da reflexão acerca das atividades de envolvimento parental, de modo a pensar em atividades apelativas e motivadoras para que os pais participem na vida do JI.

(iv) A necessária planificação conjunta e trabalho colaborativo entre todos os intervenientes, nomeadamente as crianças de forma a que todos participem, atribuindo sentido às experiências vividas e (re)construam aprendizagens significativas. Hargreaves (1998) defende que o trabalho colaborativo passa por trabalhar com pessoas de uma forma facilitadora, uma integração das diferenças culturais e uma valorização da partilha de conhecimentos e experiências. Os educadores precisam de aprender a trabalhar colaborativamente (entre eles e outros elementos da comunidade educativa) para criarem e desenvolverem oportunidades de aprendizagem para todos os envolvidos, participando ao mesmo tempo numa comunidade colaborativa “em vez de se centrarem apenas na aquisição de um conjunto de destrezas ou práticas destinadas a satisfazer requisitos burocráticos” (Sachs, 1997; citado por Day, 2001, p. 282). As crianças devem participar na planificação, isto porque, como sugere Moss (2001; citado por Domingues, 2012) é

necessário deixar de falar sobre as crianças e passar a falar com elas. Sendo que a criança deve ter um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem (Ministério da Educação, 1997).

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

No final desta investigação torna-se importante relembrar as questões que nos levaram a desenvolver toda esta investigação: “De que forma as propostas educativas implementadas potenciam o envolvimento dos pais/EE no processo educativo dos seus filhos?” e “Que estratégias/princípios orientadores poderão ser implementados/seguídos no contexto da EPE de forma a potenciar as interações com a família das crianças?”.

Para encontrarmos respostas às questões, que elucidámos como ponto de partida para esta investigação, fomos definindo objetivos de investigação que se foram desenvolvendo ao longo de todo o percurso (fases I e II da investigação).

Os primeiros objetivos passaram por compreender as conceções da educadora de infância e dos pais face ao seu envolvimento parental no JI, objetivos que foram alcançados com a implementação de uma entrevista à educadora de infância e de um inquérito por questionário aos pais. Analisando os dados recolhidos e triangulando-os com os níveis de envolvimento de Epstein (1992, 1995) concluímos que o envolvimento parental no JI centrava-se mais no tipo de envolvimento três – *volunteering* (envolvimento na instituição). No entanto os dados recolhidos sobre os olhares da educadora de infância e dos pais permitiram constatar que alguns pais envolviam-se noutros tipos de envolvimento, quer de níveis inferiores, como o tipo 2 – *communicating* (obrigações básicas das instituições), quer de níveis superiores como o tipo 4 – *Learning at home* (envolvimento em atividades de aprendizagem em casa) e o tipo 5 – *Decision making* (participação na tomada de decisões).

Numa fase posterior, o objetivo passava por implementar várias propostas educativas promotoras do envolvimento parental no JI e avaliar o seu impacte. Podemos concluir que todas as propostas educativas foram ao encontro ao tipo de envolvimento três – *volunteering* (envolvimento na instituição) – o tipo de envolvimento que constatamos que era o tipo de envolvimento mais concretizado pelos pais. Isto poderá ter acontecido pois as propostas educativas foram planificadas colaborativamente entre investigadora, a educadora de infância e pais, tendo sido as mesmas pensadas de acordo com as conceções de cada um.

O último objetivo concretizou-se com uma reflexão de todo o processo de investigação e consistiu na definição de princípios orientadores promotores do envolvimento parental no processo educativo das crianças do JI. Salientamos, assim: (i) a diversificação de atividades, tendo em atenção todos os tipos de envolvimento Instituição/Família (Epstein, 1992, 1995) (ii) o papel da supervisão por um perito externo; (iii) o papel da reflexão acerca das atividades de envolvimento parental; e (iv) planificação conjunta com todos os intervenientes, nomeadamente as crianças.

Como foi a primeira vez que realizei um trabalho investigativo, contei com algumas limitações, nomeadamente: (i) a pouca experiência ao nível de práticas investigativas,

necessitando de realizar uma pesquisa aprofundada acerca das mesmas, assim como de experimentar, errar, voltar a tentar e conseguir; (ii) o tipo de registo e o que deveria registar, uma vez mais devido à minha falta de experiência; (iii) a aplicação de algumas técnicas de recolha de dados como o inquérito por questionário que, por requerer tempo para a devolução dos mesmos originou uma impossibilidade de análise precoce sobre o tipo de envolvimento parental no JI na perspectiva dos pais participantes; e (iv) a dificuldade no desempenho de dois papéis em simultâneo, o de estagiária e o de investigadora, o que, em alguns casos, dificultou o registo das interações entre os pais e as crianças.

Entendo esta investigação como um ponto de partida para futuras investigações, mas acima de tudo como uma forma de ligar a investigação à prática educativa do profissional de educação, é minha intenção, futuramente, seguir os princípios orientadores estabelecidos no final da presente investigação e analisar o impacto dos mesmos nas práticas de forma mais aprofundada, com mais sujeitos de investigação e em vários contextos educativos.

Terminada a investigação não posso deixar de refletir acerca da importância deste trabalho investigativo no meu percurso pessoal e profissional, uma vez que me permitiu crescer enquanto investigadora e enriqueceu o meu conhecimento em torno desta problemática.

PARTE III

CAPÍTULO V

REFLEXÃO FINAL

“Um professor afeta a eternidade; é impossível dizer até onde vai a sua influência”

Henry Adams

A citação de Henry Adams faz-me (re)lembrar o meu percurso de PP, deste a PPI à PPIII.

Tive a sorte de conhecer, ao longo das práticas, pessoas/profissionais que partilharam comigo valores que fazem de mim a pessoa que sou hoje, quer em termos pessoais, quer profissionais.

Com todas elas eu aprendi... Todas elas despertaram em mim sentimentos diferentes; todas elas influenciaram a minha escolha para a temática desta investigação; todas elas permitiram-me crescer em conhecimento, enquanto futura Educadora de Infância e Professora 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A PPI foi como o *desvincular da mãe*⁷, tal como o desvincular da mãe, esta fase foi, também, difícil. A EPE era para mim uma novidade, cada dia foi uma descoberta diferente, nem sempre positiva, mas fizeram-me crescer na procura de soluções para enfrentar os obstáculos/problemas que iam surgindo. A PPII centrou-se no 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como na PPI, a PPII foi um período de construção de conhecimento.

Ambas as PP – PPI e PPII – exigiram de mim uma procura constante pelo conhecimento, uma necessidade que adveio das experiências e erros (inevitáveis) cometidos, pela falta de prática, mas que me fizeram crescer em experiência e conhecimento.

Ao refletir o percurso da PPIII, em contexto de JI, (re)lembro-me de uma citação que li há uns tempos: “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas” (Rubem Alves). A PPIII fez-me crescer como futura profissional em EPE, uma Unidade Curricular em que não foram *dadas receitas*⁸. Houve uma necessidade de (re)voltar e (re)ver os conhecimentos adquiridos durante as experiências educativas anteriores. Foi uma pesquisa (constante) do conhecimento pelas “minhas próprias mãos”. E, mais uma vez, posso recordar uma citação, de Saint-Exupéry: “O mais importante na construção do homem não é instruí-lo – terá algum interesse fazer dele um livro que caminha? – mas educá-lo”. Durante esta PP fui educada a procurar respostas para as questões e dúvidas

⁷ Expressão adquirida ao longo da leitura e análise da Tese *Formando o cidadão desde o Jardim de Infância: o contributo das práticas de avaliação das aprendizagens dos educadores de infância em colaboração com a família*, apresentada à Universidade de Aveiro, em 2011, por Rita Leal.

⁸ Expressão utilizada pela Docente da Unidade Curricular de PPIII.

que iam surgindo ao longo do percurso, uma aprendizagem que me será essencial ao longo da minha vida, como futura profissional da educação.

A PPIII, em contexto de JI, permitiu-me conhecer uma educadora de infância que passou a ser o meu *modelo significativo*⁹. Com as minhas observações e colaborações nas atividades da mesma, pude refletir que ser educador é: i) aprendermos a ser melhores, a cada dia que passa, ii) é construir uma ponte entre o mundo dos crescidos e o mundo das crianças, iii) é saber caminhar de mãos dadas, iv) é ser capaz de transmitir valores e saberes, v) é ser capaz de se incentivar a criatividade, a autonomia de cada uma das crianças, para que cresçam com confiança nas suas capacidades e nos seus passos... O conhecimento mais importante, para mim: ser educador é saber dar e receber amor, ter sensibilidade para perceber quando a criança não está bem... Ser educador é ser um verdadeiro Amigo... Não... É ser mais do que um verdadeiro Amigo!

Ao meu modelo significativo e à docente de PPIII, em contexto de JI, obrigada por me terem feito apaixonar pela EPE!

Feliz decisão, a minha, quando escolhi com o coração esta instituição, que tão bem me acolheu... Feliz decisão, a da Diretora da instituição, que me colocou no caminho desta educadora que transmite conhecimentos através de cada frase, pela vasta experiência (37 anos) que trás na sua bagagem. Obrigada!

Espero que o destino me dê outras oportunidades para contactar com crianças em contexto JI, aí voltarei mais forte, mais rica no conhecimento... e que alegria será voltar a viver tudo de novo, com consciência que posso melhorar dia após dia... E cada novo passo será uma nova etapa!

⁹ Conhecimento adquirido numa das aulas da Unidade Curricular de Educação e Desenvolvimento, lecionada pela Docente Rita Leal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, I., Sequeira, A. P., & Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias – Contributos para uma Educação Participada*. Instituto de Inovação Educacional.
- Abreu, A. C. (2012). *A importância da cooperação entre a escola e a família*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
- Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). *Supervisão – um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem (2ªed.)*. Coimbra: Almedina
- Alves, P. (2002). A triangulação enquanto técnica de validação qualitativa. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 36 (1/2/3), 77-87.
- Baptista, M. S. (2013). *Os pais e a família no Jardim-de-Infância: uma parceria na construção e desenvolvimento do currículo*. Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação de Portalegre.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação (3ª ed.)*. Lisboa: Gradiva.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação (5ª ed.)*. Lisboa: Grávida.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Brickman, N., & Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem ativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, S. O. (2008). *A participação dos pais no Jardim-de-Infância*. Universidade Portucalense, Departamento de Ciências da Educação e do Património.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Davies, D. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal - realidade e perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores – os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Domingues, D. (2012). *A Planificação como Estratégia de Envolvimento Parental*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

- Epstein, J. L. (1984). *School Policy and Parent Involvement: research results*. London: Education Horizons.
- Epstein, J. L. (1992). *School and family partnerships. Report No.6*. Washington, DC: Center on Families, Communities, Schools, and Children's Learning.
- Epstein, J. L. (1995). School/family/community partnerships. *Phi Delta Kappan*, 76(9), 701 – 713.
- Epstein, J. L. (2009). School, Family, and Community Partnerships: Caring for the Children We Share. In Epstein, J. I. (org.). *School, Family and Community Partnerships – your Handbook for Action*. Corwin Press.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis*, 64 - 66.
- Folque, M. A. (2012). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento de escola moderna*. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Freire, P. (1991). *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gaspar, M. F. (1999). *Projecto Mais-Pais – Factores socioculturais e interpessoais do desenvolvimento numérico de crianças em idade pré- escolar: o nome dos números e o envolvimento dos pais*. Dissertação de doutoramento em Ciências Sociais. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Gaspar, M. F. (2004). *Projecto Mais-Pais - Factores socioculturais e interpessoais do desenvolvimento numérico de crianças em idade pré-escolar: o nome dos números e o envolvimento dos pais*. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Ghillion, R., & Matalon, R. (2005). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em tempos de mudança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Leal, R. A. B. (2011). *Formando o cidadão desde o jardim-de-infância: O contributo das práticas de avaliação das aprendizagens dos educadores de infância em colaboração com a família*. . Universidade de Aveiro, Departamento de Educação.
- Matos, A. (1994). *A Escola nas suas relações com os pais*. In A. Matos & J. Pires (1994). *Escola, pais e comunidade: construção de comunidades de interesse. Cadernos Profissionais, n.º 2*. Porto: Publicações Politeama.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Núcleo da Educação Pré-Escolar, Departamento da Educação Básica.

- Moreira, M. (2001). *A investigação-ação na formação reflexiva do professor-estagiário de inglês*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Picanço, A. (2012). *A relação entre escola e família – as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. P. (2004). *Investigar a nossa própria prática: Uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional*. Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Santos, J. (2004). *Crises e ruturas - A criança, a família e a escolar em sofrimento*. Centro Doutor João dos Santos, Casa da Praia.
- Simões, M. G. (2013). *Formação parental em contexto escolar: promoção da construção de pontes entre escola e família*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vitale, M. A. (2006). Famílias: Pontos de reflexão. In M. V. Baptista (coord.), *Abrigo: Comunidade de acolhida e socioeducação* (pp. 77-83). São Paulo: Instituto Camargo Corrêa.

Legislação consultada

- Decreto-Lei n.º 542/79. *Diário da República n.º 300 – 12.º Suplemento, Série I*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei n.º 241/2001. *Diário da República n.º 201 – Série I – A*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Lei n.º 5/1977. *Diário da República n.º 26 – Série I*. Lisboa: Assembleia da República.
- Lei n.º 5/1997. *Diário da República n.º 34 – Série I – A*. Lisboa: Assembleia da República
- Despacho n.º 5220/1997. *Diário da República n.º 178 – Série II*. Lisboa: Assembleia da República.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Guião da entrevista à educadora de infância



Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras

Investigadora: Cátia Pinheiro

Orientadora de investigação: Professora Doutora Rita Leal

Guião da entrevista à Educadora de Infância

Temática: O Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância.

Observação: Entrevista semiestruturada de perguntas abertas, permitindo a livre expressão da entrevistada.

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Questões
Legitimação e apresentação da entrevista.	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista;- Motivar a Educadora de Infância para a participação na entrevista;- Garantir o anonimato e confidencialidade.	<ul style="list-style-type: none">- Requerer autorização para gravar a entrevista através de áudio;- Elucidar a Educadora de Infância para o seu contributo, indispensável, na investigação;- Explicar à Educadora de Infância o conteúdo da entrevista e qual o seu objetivo.
Identificação da Educadora de Infância.	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer as habilitações académicas da educadora de infância;- Conhecer o tempo de serviço.	<ol style="list-style-type: none">1. Quais são as suas habilitações académicas?2. Quantos anos tem de serviço?3. E nesta instituição, qual é o seu tempo de serviço?
	<ul style="list-style-type: none">- Compreender qual a importância que a Educadora de Infância atribui à participação dos pais no	<ol style="list-style-type: none">4. Que importância atribui à participação dos pais no processo educativo das crianças?<ol style="list-style-type: none">4.1. Quais as principais vantagens que identifica?4.2. E desvantagens?

<p>Conceções da Educadora de Infância sobre o envolvimento dos pais no Jardim-de-Infância.</p>	<p>processo educativo das crianças;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as formas de promoção, da Educadora de Infância, para o envolvimento dos pais no Jardim-de-Infância; - Conhecer as situações em que os pais participam nas atividades do Jardim-de-Infância; - Perceber quem toma a iniciativa para a participação. 	<p>5. De que forma promove o envolvimento dos pais no Jardim de Infância? Pode dar alguns exemplos concretos?</p> <p>5.1. Envolvem-se todos os pais ou só alguns?</p> <p>5.2. O que acha que os leva a envolver-se?</p> <p>5.3. E a não envolver-se?</p> <p>6. De que forma ou em que situações é que os pais participam?</p> <p>7. Quem, geralmente toma a iniciativa para a participação?</p> <p>7.1. Alguma vez foi um pai a tomar a iniciativa? Pode partilhar um exemplo?</p>
<p>Finalização da entrevista.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recolher informações adicionais; - Conclusão da entrevista; - Agradecimento pela colaboração. 	<p>8. Quer acrescentar alguma coisa à entrevista que não tenho perguntado ou dito?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Obrigada uma vez mais pela colaboração.

APÊNDICE II

Transcrição da entrevista à educadora de infância



Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras

Investigadora: Cátia Pinheiro

Orientadora de investigação: Professora Doutora Rita Leal

Transcrição da entrevista à Educadora de Infância

Temática: O Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância.

Questões	Respostas
1. Quais as suas habilitações académicas?	<i>“Na minha altura era o Bacharelato em Ciências da Educação.”</i>
2. Quantos anos tem de serviço?	<i>“Faço, este ano, 37 anos de serviço.”</i>
3. E nesta instituição, qual é o seu tempo de serviço?	<i>“Nesta instituição são, apenas, três anos de serviço.”</i>
4. Que importância atribui à participação dos pais no processo educativo das crianças?	<i>“É muito importante a participação dos pais no processo educativo porque os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos e os principais interessados no seu bem-estar.”</i>
4.1. Quais as principais vantagens que identifica?	<i>“O diálogo entre pais e educadores permite conhecer e acompanhar melhor a criança.”</i>
4.2. E desvantagens?	<i>“Não vejo desvantagens, pelo contrário.”</i>
5. De que forma promove o envolvimento dos pais no Jardim de Infância? Pode dar alguns exemplos concretos?	<i>“Nas reuniões sugiro a colaboração dos pais no processo educativo dos filhos, é certamente uma proposta alucinante. Os pais podem fazê-lo cooperando em algumas atividades do Jardim-de-Infância ou nos seus órgãos representativos e associativos.”</i>
5.1. Envolvem-se todos os pais ou só alguns?	<i>“De uma forma geral, envolvem-se todos, com bastante agrado e interesse.”</i>

<p>5.2. O que acha que os leva a envolver-se?</p>	<p><i>“Pelo bem dos seus filhos, para que sintam a sua presença, também, na escola.”</i></p>
<p>5.3. E a não envolver-se?</p>	<p><i>“Se acontecer, será por falta de disponibilidade.”</i></p>
<p>6. De que forma ou em que situações é que os pais participam?</p>	<p><i>“Participam nas festinhas dos filhos e nas atividades da sala. Por exemplo: os pais vêm à salinha mostrar a sua profissão ou vamos visitar os seus locais de trabalho, também participam nas visitas de estudo.”</i></p>
<p>7. Quem, geralmente toma a iniciativa para a participação?</p>	<p><i>“Geralmente a iniciativa parte do educador, mas uma vez motivados propõe iniciativas interessantes.”</i></p>
<p>7.1. Alguma vez foi um pai a tomar a iniciativa? Pode partilhar um exemplo?</p>	<p><i>“Sim. Fizemos um passeio de barco no Douro, proposto por um pai numa reunião.”</i></p>
<p>8. Quer acrescentar alguma coisa à entrevista que não tenho perguntado ou dito?</p>	<p><i>“A Educadora que gostar da sua profissão deve procurar que a aprendizagem seja uma experiência feliz, atrativa e divertida, porque esta etapa pode ser decisiva para o seu desenvolvimento pessoal, afetivo e social. E, também, para o seu futuro sucesso escolar e profissional.”</i></p>

APÊNDICE III

Inquérito por questionário aos pais



Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras

Investigadora: Cátia Pinheiro

Orientadora de investigação: Professora Doutora Rita Leal

Questionário

Este questionário faz parte de um trabalho de investigação que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, do Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras, sob orientação da Professora Doutora Rita Leal.

O objetivo centra-se na relação entre o Jardim-de-Infância e os Pais das Crianças que o frequentam.

A sua colaboração é fulcral no desenvolvimento desta investigação, pelo que, desde já, agradecemos a vossa disponibilidade e participação. Garantimos o anonimato e a confidencialidade sobre a vossa identidade.

A – Identificação do respondente

1. Em que qualidade responde ao presente questionário?

Pai Mãe

2. Idade: _____ anos

3. Habilitações Académicas:

	Pai	Mãe
Ensino Primário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo (6.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo (9.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (11.º ou 12.º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro, qual? _____		

4. Filhos:

Números de filhos: _____ Idades: _____

B – Relação Jardim-de-Infância e Pais/Encarregado de Educação das Crianças

1. Costuma deslocar-se ao Jardim-de-Infância do/a seu/sua filho/a?

Sim Não

1.1. Se sim, com que periodicidade?

Todas as manhãs.

Na hora de almoço.

Todas as tardes.

Diariamente.

Semanalmente.

Quinzenalmente.

Mensalmente.

Só quando sou chamado/a.

Reunião de Pais.

Outro: _____

1.1.2. Qual o motivo? _____

2. Como classifica a relação que mantém com a Educadora de Infância do/a seu/sua filho/a?

Muito boa

Boa

Razoável

Má

Muito Má

2.1. Dê um exemplo de uma situação ocorrida entre si e a Educadora: _____

3. Costuma participar nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância?

Sim Não

3.1. Se sim, quais as iniciativas?

Organização de Festas

Festas (Natal, Carnaval...)

Passeios.

Envolvimento em atividades com as crianças no Jardim-de-Infância.

Envolvimento em atividades de aprendizagem em casa.

Reuniões.

Associação de Pais.

Outra, qual? _____

3.1.1. Porque é que participa? _____

4. O que pensa sobre a participação dos Pais/Encarregados de Educação nas atividades do Jardim-de-Infância?

5. Se o/a convidassem a participar numa atividade no Jardim-de-Infância do/a seu/sua filho/a, participaria?

Sim, sem receio.

Tentava perceber o tipo de atividade e depois tomava uma decisão.

Participava, colaborava e dava ideias e opiniões acerca da atividade.

Não participava.

Não participava, nem procurava saber de que tipo de atividade se tratava.

Outro: _____

5.1. Justifique a resposta dada à questão anterior.

6. Deixe aqui alguma informação sobre a relação Jardim-de-Infância – Pais/Encarregados de Educação que não tenha dito durante o questionário e que ache relevante: _____

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE IV

Planificações

Planificação 1¹⁰

Semana: 03/11/2014 a 07/11/2014

Sala: Sala das Joanelhas N.º de crianças: 14 Idades: 4/5 e 5/6 anos

Intencionalidade Educativa¹¹:

- Envolvimento parental no trabalho educativo do Jardim-de-Infância.

Segunda-feira

(03/11/2014)

Áreas de conteúdo	Objetivos	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Conhecimento do Mundo <u>Domínio:</u> Conhecimento do Ambiente Natural e Social (Meta 26). Formação Pessoal e Pessoal <u>Domínio:</u> Identidade/Autoestima (Meta 2). <u>Domínio:</u> Independência/Autonomia (Meta 10, 13). <u>Domínio:</u> Cooperação (Meta 16, 17).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar profissões do seu meio familiar e local; - Reconhecer laços de presença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social. - Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia. - Manifestar opiniões, preferências e apreciações 	<p>Atividade orientada (grande grupo): – <u>A mãe cabeleireira vem à nossa sala:</u> diálogo e dinâmica sobre a sua profissão.</p> <p>- <u>A mãe elabora penteados:</u> à vez a mãe procede à elaboração de penteados com as crianças.</p> <p>Atividades livres: - As crianças que estejam aguardar</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Educadora de Infância; - Investigadora; - Crianças; - Mãe de uma criança. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utensílios de cabeleireira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Registos fotográficos.

¹⁰ Planificação elaborada tendo em conta as Metas Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2010).

¹¹ Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997).

	críticas; - Partilhar brinquedos e outros materiais; - Dar a oportunidade de outros intervirem nas conversas.	pela sua vez brincam nas atividades livres.		
--	---	---	--	--

Terça-feira
(04/11/2014)

Áreas de conteúdo	Objetivos	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Conhecimento do Mundo <u>Domínio:</u> Conhecimento do Ambiente Natural e Social (Meta 26).</p> <p>Formação Pessoal e Pessoal <u>Domínio:</u> Identidade/ Autoestima (Meta 2). <u>Domínio:</u> Independência/ Autonomia (Meta 10, 13). <u>Domínio:</u> Cooperação (Meta 16, 17).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar profissões do seu meio familiar e local; - Reconhecer laços de presença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social. - Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia. - Manifestar opiniões, preferências e apreciações críticas; - Partilhar brinquedos e outros materiais; - Dar a oportunidade de outros intervirem nas conversas. 	<p>Atividade orientada (grande grupo): – <u>A mãe psicóloga vem à nossa sala:</u> diálogo e dinâmica sobre a sua profissão.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Educadora de Infância; - Investigadora; - Crianças; - Mãe de uma criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Registos fotográficos.

Planificação 2¹²

Semana: 10/11/2014 a 14/11/2014

Sala: Sala das Joaninhas Nº de crianças: 14 Idades: 4/5 e 5/6 anos

Intencionalidade Educativa¹³:

- Envolvimento parental no trabalho educativo do Jardim-de-Infância.

Segunda-feira

(10/11/2014)

Áreas de conteúdo	Objetivos	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Conhecimento do Mundo <u>Domínio:</u> Conhecimento do Ambiente Natural e Social (Meta 26). Formação Pessoal e Pessoal <u>Domínio:</u> Identidade/ Autoestima (Meta 2). <u>Domínio:</u> Independência/ Autonomia (Meta 10, 13). <u>Domínio:</u> Cooperação (Meta</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar profissões do seu meio familiar e local; - Reconhecer laços de presença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social. - Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia. - Manifestar opiniões, 	<p>Atividade orientada (grande grupo): – <u>Confeção de cupcakes por uma mãe de uma das crianças:</u> a sala é organizada de forma a que todas as crianças possam observar as diferentes fases da confeção dos <i>cupcakes</i>. Durante a sua confeção será dada oportunidade às crianças de participarem.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Educadora de Infância; - Investigadora; - Crianças; - Mãe de uma criança. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utensílios para a confeção de <i>cupcakes</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Registos fotográficos.

¹² Planificação elaborada tendo em conta as Metas Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2010).

¹³ Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997).

16, 17).	preferências e apreciações críticas; - Partilhar brinquedos e outros materiais; - Dar a oportunidade de outros intervirem nas conversas.			
----------	--	--	--	--

Planificação 3¹⁴

Semana: 17/11/2014 a 21/11/2014

Sala: Sala das Joaninhas Nº de crianças: 14 Idades: 4/5 e 5/6 anos

Intencionalidade Educativa¹⁵:

- Envolvimento parental no trabalho educativo do Jardim-de-Infância.

Terça-feira

(18/11/2014)

Áreas de conteúdo	Objetivos	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Conhecimento do Mundo <u>Domínio:</u> Conhecimento do Ambiente Natural e Social (Meta 26). Formação Pessoal e Pessoal <u>Domínio:</u> Identidade/ Autoestima (Meta 2). <u>Domínio:</u> Independência/ Autonomia (Meta 10, 13). <u>Domínio:</u> Cooperação (Meta</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar profissões do seu meio familiar e local; - Reconhecer laços de presença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social. - Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia. - Manifestar opiniões, 	<p>Atividade orientada (grande grupo): - <u>A mãe vem à nossa sala brincar com plasticina:</u> inicialmente a mãe irá ler e analisar uma história (inventada por si) com as crianças. 15h30 – Lanche. - <u>Vamos brincar com plasticina:</u> a mãe sugere que as crianças</p>	<p>Humanos: - Educadora de Infância; - Investigadora; - Crianças; - Mãe de uma criança.</p> <p>Materiais: - Plasticina.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Registos fotográficos.

¹⁴ Planificação elaborada tendo em conta as Metas Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2010).

¹⁵ Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997).

16, 17).	preferências e apreciações críticas; - Partilhar brinquedos e outros materiais; - Dar a oportunidade de outros intervirem nas conversas.	construam animais em plasticina. As crianças serão auxiliadas pela mãe, educadora de infância e investigadora.		
----------	--	--	--	--

Sexta-feira
(21/11/2014)

Áreas de conteúdo	Objetivos	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Conhecimento do Mundo <u>Domínio:</u> Conhecimento do Ambiente Natural e Social (Meta 26).</p> <p>Formação Pessoal e Pessoal <u>Domínio:</u> Identidade/Autoestima (Meta 2).</p> <p><u>Domínio:</u> Independência/Autonomia (Meta 10, 13).</p> <p><u>Domínio:</u> Cooperação (Meta</p>	<p>- Identificar profissões do seu meio familiar e local;</p> <p>- Reconhecer laços de presença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social.</p> <p>- Manifestar curiosidade pelo mundo que a rodeia.</p> <p>- Manifestar opiniões,</p>	<p>09h00min. – Início da componente letiva.</p> <p>Atividade orientada (grande grupo):</p> <p>– <u>Visita à fábrica:</u> as crianças, educadora de infância e investigadora deslocam-se para o local da visita na carrinha da instituição educativa. A dinâmica da atividade será realizada pela mãe</p>	<p>Humanos:</p> <p>- Educadora de Infância;</p> <p>- Investigadora;</p> <p>- Crianças;</p> <p>- Mãe de uma criança.</p>	<p>- Observação;</p> <p>- Registos fotográficos.</p>

16, 17).	preferências e apreciações críticas; - Partilhar brinquedos e outros materiais; - Dar a oportunidade de outros intervirem nas conversas.	participante na atividade.		
----------	--	----------------------------	--	--

APÊNDICE V

Reflexões

Reflexão

1.ª Atividade: Reunião de Pais

(19 de setembro de 2014)

No dia 19 de setembro de 2014 pelas 18h30min., na instituição educativa escolhida para a realização da Prática Pedagógica III (PPIII) em contexto de Jardim-de-Infância (JI), iniciava-se a reunião de pais de início de ano letivo 2014/2015.

Escolhida a temática para o relatório final de mestrado – *O Envolvimento Parental no JI* – e, uma vez que “os efeitos da educação pré-escolar estão intimamente relacionados com a articulação com a família” (Ministério da Educação, 1997, p. 22). Tornou-se fulcral informar os pais acerca minha intencionalidade de os envolver na minha investigação e sensibilizá-los para a importância desse envolvimento.

Em conversa com a direção da instituição educativa e com a educadora de infância, também participante na investigação, deram-me total liberdade para a realização de uma atividade.

Parti do princípio de que os pais são os primeiros e principais educadores da criança (Ministério da Educação, 1997), e que tê-los como parceiros no processo educativo das crianças potencia o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos através da sua relação com os mesmos e do conhecimento que possuem sobre este (Leal, 2011).

Seguindo esse princípio decidi com uma atividade dar a entender aos pais que eles são peças fundamentais para esse envolvimento, que o trabalho da educadora e o deles complementam-se.

A ideia inicial era realizar a atividade na sala de atividades do grupo de crianças, participantes na investigação, mas dada a impossibilidade de utilizar a sala organizei a sala conforme os recursos que tinha à disposição. As mesas e as cadeiras foram organizadas em forma de círculo. É necessário que haja uma boa comunicação de ambas as partes, sentados em círculo os pais, educadora e investigadora podiam observar-se uns aos outros, ouvir-se e ver-se melhor, quebrando, assim, o registo formal existente numa reunião de pais de que estavam habituados.

Sugeri aos pais a realização de um puzzle. Foram colocadas as peças de puzzle em cima da mesa e proposto que retirassem uma peça (as peças estavam em branco).

Posteriormente foi sugerido que ilustrassem, nas peças, o/a seu/sua filho/a. Terminada a ilustração, cada pai apresentou o seu filho/educando ao restante grupo revelando algumas das suas características.

Foram registadas algumas apresentações:

- “Este é o Rui¹⁶. É uma criança afável e muito amigo do seu amigo.”
- “Esta é a Maria, tem cinco anos e é uma menina muito vaidosa e meiga. É a mais linda de todas... é minha!”
- “Este é o Pedro. É bem mais bonito que este desenho, tem 4 anos e é um doce.”
- “Este é o Joaquim, tem cinco anos. É novo nesta escola, mas está a integra-se bem. É um pouco traquina, mas às vezes também é muito meigo. Para mim, ele... É a criança mais bonita do mundo!”

Todas as ilustrações apresentadas, em conjunto, os pais, a educadora e a investigadora procederam à construção do puzzle.

No fim o puzzle foi emoldurado, para afixar na sala de atividades, para que as crianças pudessem ver o trabalho realizado pelos pais.

Para terminar a reunião dialogou-se com os pais acerca da importância da sua participação no processo educativo dos seus filhos.

Posso refletir que os pais participaram ativamente na atividade proposta mostrando-se motivados a participar em atividades de envolvimento no JI dos seus filhos/educandos.

Dos catorze pais/encarregados de educação convocados para a reunião de início do ano letivo, apenas participaram doze. Os pais não participantes justificaram a sua ausência à educadora de infância, nomeando motivos profissionais e familiares.

Referências bibliográficas:

- Leal, R. B. (2011). *Formando o cidadão desde o jardim-de-infância: O contributo das práticas de avaliação das aprendizagens dos educadores de infância em colaboração com a família*. . Universidade de Aveiro, Departamento de Educação.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Núcleo da Educação Pré-Escolar, Departamento da Educação Básica.

¹⁶ Serão utilizados nomes fictícios.

Reflexão

2.ª Atividade: A minha família.

(de 01 a 31 de outubro de 2014)

A segunda atividade de envolvimento parental no JI, desenvolveu-se ao longo de um mês, estruturada em três momentos. O objetivo desta atividade passava por envolver numa atividade do JI a desenvolver em casa com as crianças.

O primeiro momento centrou-se na leitura do “Livro da Família”, do autor Todd Parr. As crianças, à vez, levavam para casa o livro que deveria ser lido pelos pais/EE. Com as crianças, na sala de atividade, foi-se desenvolvendo um recado para levarem juntamente com o livro para casa. As crianças ilustraram o pedido aos pais para a leitura do livro, a educadora e a investigadora escreviam-no.

As crianças mostraram-se ansiosas com a atividade e chegavam ao JI empolgados para resumir a história do livro. Foi-nos possível proceder a alguns registos: *“A mamã contou-me a história à noite e eu gostei muito... Falava de pessoas baixas e bonitas e algumas sujas...”*; *“Eu queria que fosse o pai a contar mas ele estava a trabalhar e teve que ser a mãe.”*.

O segundo momento, como forma de continuação ao tema do livro, era a construção do quadro da família, com as mãos de todo o agregado familiar das crianças do grupo. Na sala de atividades, as crianças davam continuidade à atividade, procedendo à pintura do mesmo. Procedemos a alguns registos: *“Vou pintar a mãe da minha mãe de cor-de-rosa porque ela é menina, o pai a azul porque ele é do porto e o mano vai ser a verde.”*; *“Posso pintar a mãe da mamã a vermelho? Ela tem um vestido vermelho e fica mesmo bonita com ele.”*

O terceiro momento, recolhidos todos os quadros da família, focou-se na construção de uma Árvore da Família, com as mãos do agregado familiar de cada criança, para afixar à porta da Sala de Atividades. Assim, os pais podiam ver o seu trabalho afixado.

Tivemos a oportunidade de observar a reação dos pais ao observarem o resultado final das atividades em que estiveram envolvidos e a motivação das crianças ao explicarem-lhes do que se tratava aquela árvore, nomeadamente:

- *“Filho, o que é isto? São as nossas mãos?”*
- *São Mamã. A tua é a vermelha e a do Papá é azul.*
- *Porque é que a minha é vermelha?*
- *Porque tu tens um vestido vermelho que ficas muito bonita.”*

Terminada a atividade, concluímos que, dos catorze pais/EE, participaram ativamente doze.